



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**MARIA ERILAN COSTA SILVA**

**PROPOSTA DE VERBETES EM DICIONÁRIO DE EXPRESSÕES**  
**IDIOMÁTICAS PARA ESTUDANTES DE PORTUGUÊS LÍNGUA**  
**ESTRANGEIRA**

**FORTALEZA**

**2018**

**MARIA ERILAN COSTA SILVA**

**PROPOSTA DE VERBETES EM DICIONÁRIO DE EXPRESSÕES  
IDIOMÁTICAS PARA ESTUDANTES DE PORTUGUÊS LÍNGUA  
ESTRANGEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Aquisição, Desenvolvimento e Processamento da Linguagem.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosemeire Selma Monteiro-Plantin.

**FORTALEZA**

**2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S581p Silva, Maria Erilan Costa.  
Proposta de Microestrutura para Dicionários Fraseológicos Monolíngues do Português Brasileiro / Maria Erilan Costa Silva. – 2018.  
100 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2018.  
Orientação: Profa. Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin.
1. Fraseologia. 2. Lexicografia Pedagógica. 3. Fraseografia. 4. Dicionário. 5. Português Língua Estrangeira. I. Título.

CDD 410

---

**MARIA ERILAN COSTA SILVA**

**PROPOSTA DE VERBETES EM DICIONÁRIO DE EXPRESSÕES  
IDIOMÁTICAS PARA ESTUDANTES DE PORTUGUÊS LÍNGUA  
ESTRANGEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Aquisição, Desenvolvimento e Processamento da Linguagem.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Rosemeire Selma Monteiro-Plantin.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

-----  
**Profa. Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin (orientadora)**  
**Universidade Federal do Ceará (UFC)**

-----  
**Profa. Dra. Adriane Orenha-Ottaiano**  
**Universidade Júlio de Mesquita Filho (UNESP)**

-----  
**Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes**  
**Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)**

**À minha mãe, Socorro, (in memoria), que  
cuida de mim de onde estar.**

**Ao meu pai, Francisco, e às minhas irmãs,  
Vivian e Neurilan, razões do meu viver.**

## **AGRADECIMENTOS**

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa durante a realização deste trabalho.

A Deus e à Nossa Senhora por todas as graças concebidas e pelo amor que têm por mim.

Aos meus pais, Socorro e Francisco, que, com sabedoria e humildade, educaram-me e fizeram-me ser o que eu sou.

Às minhas irmãs, Vivian e Neurilan, por existirem e serem meu porto seguro.

À Maçã, Amora e Pitanga por existirem em minha vida.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosemeire Selma Monteiro-Plantin, orientadora, mulher incrível, forte, alegre, sábia e fonte de inspiração.

Aos meus amigos Marisa Almeida (amiga-irmã), Paulo Thales, Aline Nascimento, Ana Paula Magalhães, Reginalda Alexandria, Edvirges Silva por fazerem parte da minha vida.

Aos amigos da academia Prof. Msc. Edmar Cialdine e Profa. Dra. Erotildes Moreira.

Ao Prof. Msc. Josenildo Ferreira Teófilo da Silva pela correção do texto.

Aos que fazem parte do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação da UFC pelos conhecimentos compartilhados.

## RESUMO

As expressões idiomáticas são unidades fraseológicas que se caracterizam por serem compostas por dois ou mais elementos e por seus significados serem dados pela interpretação do conjunto dos elementos que as compõem. Expressões vivas da língua e representantes de especificidades culturais de um povo, as expressões idiomáticas podem representar um obstáculo no processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, pois possuem em suas composições elementos idiomáticos e convencionais, que tornam os seus significados opacos, ou seja, não transparentes. Conhecendo e pensando nas dificuldades de ensino e de aprendizagem dessas expressões, em um contexto de ensino e de aprendizagem de línguas estrangeiras, buscamos contribuir para o ensino das mesmas no contexto de ensino de português para estrangeiros. Após a constatação da ausência de dicionários fraseológicos monolíngues do português brasileiro compostos por expressões idiomáticas para falantes estrangeiros, julgamos relevante a elaboração de tais obras, pois acreditamos que os dicionários são instrumentos que podem auxiliar estudantes e professores no processo de ensino e aprendizagem de línguas. Através da presente pesquisa, inserida no âmbito da Fraseologia, da Lexicografia Pedagógica e da Fraseografia propomos um modelo de verbete lexicográfico para auxiliar estudiosos na elaboração de dicionários fraseológicos que atendam às necessidades linguísticas de falantes não nativos e português. Para isso, baseamo-nos nos estudos teóricos de Tagnin (1989, 2013), Xatara (1998), Alvarez (2000), Fulgêncio (2008), Monteiro-Plantin (2012), Biderman (1984, 1998, 2001, 2002), Pontes (2009), Durão (2009, 2010) e Welker (2004, 2008). A partir da necessidade linguística de aprendizes de português língua estrangeira e da análise do tratamento lexicográfico dispensado às expressões idiomáticas em dicionários escolares identificamos os paradigmas estruturais, que podem estar presentes em verbete lexicográfico de dicionários fraseológicos de expressões idiomáticas, a fim de auxiliar de forma satisfatória estudiosos na elaboração de tais obras e, assim contribuir para o ensino e a aprendizagem de português língua estrangeira.

**Palavras-chave:** Fraseologia, Lexicografia Pedagógica, Fraseografia, Dicionário, Português Língua Estrangeira (PLE).

## RÉSUMÉ

Les expressions figées (EFs), des combinaisons lexicales relativement stables et indivisibles présentes dans les langues naturelles, sont caractérisées pour être composées de deux ou plus éléments et pour leurs significations être données par l'interprétation de l'ensemble des éléments qui les composent. Expressions vivantes de la langue et représentantes des spécificités culturelles d'un peuple, les EFs peuvent représenter un obstacle dans le processus d'enseignement-apprentissage des langues étrangères (LE), puisqu'ils ont dans leurs compositions des éléments idiomatiques et conventionnels, qui font leur significations opaques, c'est-à-dire non transparentes. Connaissant et pensant aux difficultés d'enseignement et d'apprentissage de ces expressions, dans un contexte d'apprentissage des LEs, nous cherchons à contribuer à l'enseignement de la langue portugaise aux étrangers. Après avoir vérifié l'absence de dictionnaires fraséologiques monolingues du portugais brésilien (DFMPB) pour les étrangers, nous jugeons pertinente l'élaboration de ces oeuvres, car nous croyons que les dictionnaires sont des instruments qui peuvent aider les étudiants et les enseignants dans l'enseignement et l'apprentissage des langues. A travers de cette recherche, insérée dans le cadre de la Phraséologie, de la Lexicographie Pédagogique et de la Phraséographie nous proposons un modèle de microstructure, qui pourrait composer un DFMPB. Pour cela, nous sommes basés sur les études théoriques de Tagnin (1989, 2013), Xatara (1998), Alvarez (2000), Fulgêncio (2008), Monteiro-Plantin (2012), Biderman (1984, 1998, 2001, 2002) Pontes (2009), Durão (2009, 2010) et Welker (2004, 2008). A partir de l'analyse du traitement lexicographique donné aux EFs dans les dictionnaires scolaires et du support théorique phraséologique et lexicographique, nous avons identifié les paradigmes structurels qui peuvent être présents dans la microstructure d'une DFMPB, afin d'aider de manière satisfaisante l'enseignement et l'apprentissage de PLE.

**Mots-clés:** Phraséologie, Lexicographie Pédagogique, Phraséographie, dictionnaire, Portugais Langue Étrangère (PLE).



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Ciências do léxico.....	23
Figura 2 -	Lexicografia Pedagógica.....	25
Figura 3 -	Níveis de convencionalidade das Unidades Fraseológicas .....	32
Figura 4 -	Fraseografia .....	37
Figura 5 -	Modelo de ficha lexicográfica.....	41
Figura 6 -	<i>Corpus</i> do português.....	42
Figura 7 -	<i>Corpus</i> do português: frequência das expressões idiomáticas.....	45
Figura 8 -	<i>Corpus</i> do Português: contexto das expressões idiomáticas.....	45
Figura 9 -	Frequência da expressão idiomática “nem que a porca torça o rabo”. 46	
Figura 10 -	Proposta de verbete para dicionário de expressões idiomáticas.....	57
Figura 11 -	Verbetes do dicionário Houaiss: cavalo.....	61
Figura 12 -	Verbetes do dicionário Houaiss: sapo.....	61
Figura 13 -	Verbetes do dicionário Houaiss: lágrima.....	62
Figura 14 -	Verbetes do dicionário Houaiss: mão de vaca.....	62
Figura 15 -	Verbetes do dicionário Houaiss: sangue.....	63
Figura 16 -	Verbetes do dicionário Houaiss: bicho de sete cabeça.....	63
Figura 17 -	Verbetes do dicionário Houaiss: zebra.....	64
Figura 18 -	Verbetes do dicionário Houaiss: cavalo.....	65
Figura 19 -	Verbetes do dicionário Aurélio: sapo.....	65
Figura 20 -	Verbetes do dicionário Aurélio: bicho de sete cabeças.....	66
Figura 21 -	Verbetes do dicionário Aurélio: mosca.....	66
Figura 22 -	Verbetes do dicionário Aurélio: pago-pingado.....	67
Figura 23 -	Verbetes do dicionário Aurélio: gato-sapato.....	67
Figura 24 -	Modelo de microestrutura: entrada.....	70
Figura 25 -	Modelo de microestrutura: transcrição fonética.....	72
Figura 26 -	Modelo de microestrutura: definição.....	73
Figura 27 -	Modelo de microestrutura: abonação.....	74

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Validação das expressões idiomáticas na base de dados <i>Corpus</i> do Português.....	43
Quadro 2 - Validação das expressões idiomáticas na internet.....	46

## **LISTA DE TABELA**

Tabela 1 - Resultado da análise lexicográfica nos dicionários Houaiss e Aurélio.....	60
--	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

DA	Dicionário de Aprendizagem
DB	Dicionário Bilingue
DF	Dicionário Fraseológico
DFM	Dicionário Fraseológico Monolíngue
DFMPB	Dicionário Fraseológico Monolíngue do Português Brasileiro
DM	Dicionário Monolíngue
DP	Dicionário Pedagógico
EI	Expressão Idiomática
LE	Língua Estrangeira
LM	Língua Materna
LP	Língua Portuguesa
PB	Português Brasileiro
PLE	Português Língua Estrangeira
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
UF	Unidade Fraseológica

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>21</b>
<b>2.1</b>	<b>Lexicografia .....</b>	<b>21</b>
2.1.1	Lexicografia Pedagógica.....	23
2.1.2	Dicionários de Aprendizagem.....	25
2.1.3	A organização dos Dicionários: microestrutura e macroestrutura.....	27
<b>2.2</b>	<b>Fraseologia.....</b>	<b>29</b>
2.2.1	Classificação das unidades fraseológicas.....	32
<b>2.3</b>	<b>Fraseografia e os dicionários fraseológicos.....</b>	<b>36</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>39</b>
3.1	Elaboração de uma base de dados composta por expressões idiomáticas do português brasileiro.....	39
3.2	Validação das expressões idiomáticas na base de dados “ <i>Corpus do Português</i> ”.....	41
3.3	Tratamento lexicográfico dispensado às expressões idiomáticas em dicionários escolares do português brasileiro.....	56
3.4	Elaboração de verbete lexicográfico para dicionários fraseológicos.....	57
<b>4</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>58</b>
4.1	Análise do tratamento lexicográfico dispensado às expressões idiomáticas em dicionários escolares do português.....	59

	brasileiro.....	
4.2	Proposta de verbete lexicográfico para dicionários fraseológicos de expressões idiomáticas.....	
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>75</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>79</b>
	<b>APÊNDICE A - PESQUISAS QUE TRATAM DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS EM OBRAS LEXICOGRÁFICAS, PRODUZIDAS NO BRASIL DE 2000 A 2016.....</b>	<b>86</b>
	<b>APÊNDICE B - ANÁLISE LEXICOGRÁFICA NOS DICIONÁRIOS HOUAISS E AURÉLIO.....</b>	<b>92</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As unidades fraseológicas (doravante UF) estão presentes no dia a dia dos usuários de uma língua e são convencionalmente aceitas e compreendidas pelos indivíduos de uma mesma comunidade. O termo UF é um hiperônimo usado para fazer referência às sentenças proverbiais, expressões idiomáticas (doravante EI), pragmatemas e fórmulas situacionais, colocações, locuções fixas, frases feitas, clichês e chavões (MONTEIRO-PLANTIN, 2012), que fazem parte das línguas naturais.

Segundo Álvarez (2012), as UF são expressões vivas da língua e representam especificidades culturais através dos relatos de vida, cheias de “densos significados humanos”, políticos e ideológicos. Segundo Vilela (2002), as UF funcionam como uma ampliação do léxico, servindo para a nomeação, qualificação e circunstanciação das experiências quotidianas. Ao fazerem uso das UF, os falantes expressam as singularidades linguísticas e a maneira de pensar de um povo, além de utilizá-las para descrever o mundo real e suas experiências cotidianas.

Resultado de diferentes motivações, as UF expressam diferentes reações humanas, ajudando-nos na expressão de opiniões, conclusões, sentimentos, reprovações, consentimentos etc. Quando desejamos expressar uma ideia pertinente, por exemplo, podemos fazer uso de um provérbio. Ao dizermos “gato escaldado tem medo de água fria”, temos a intenção de dizer que a experiência faz com que não cometamos os mesmos erros novamente; já no caso de proferirmos “Maria é mão de vaca”, a motivação é outra, o falante não quer dizer diretamente que “Maria é avarenta”.

Quanto a sua composição, Tagnin (1989) diz que as fraseologias são compostas de modo que os significados podem em nada lembrar a soma de seus componentes. A sentença “João é amigo da onça”, por exemplo, pode ser interpretada como “João é falso”, pois não interpretamos o significado da UF “amigo da onça” a partir da soma dos sentidos das palavras que a compõem. Logo, ao analisarmos semanticamente essa unidade, interpretamos seu significado idiomático e não a soma dos sentidos literais dos elementos que dela fazem parte. Apesar de um falante nativo, muitas vezes, não compreender a motivação e a composicionalidade de uma UF, este saberá quando e onde utilizá-la adequadamente, pois sua competência discursivo-pragmática e o conhecimento do código social capacita-o a empregá-la e a compreendê-la em um contexto apropriado.

O fato de as UF representarem os aspectos culturais e, principalmente, linguísticos de uma comunidade, permitiu que a Fraseologia conquistasse espaço nas pesquisas linguísticas. No Brasil, atualmente, já são inúmeros os trabalhos na literatura científica (artigos, dissertações e teses) que contribuem para o desenvolvimento dessa disciplina.

Os trabalhos científicos apresentam objetivos diferenciados diante do universo fraseológico. Alguns estudos buscam conhecer como se dá o processo de aquisição e compreensão das UF. Martins (2013), por exemplo, investiga as estratégias de compreensão de EI utilizadas por 20 estudantes universitários africanos lusófonos, oriundos de Cabo Verde e Guiné-Bissau, falantes não nativos do português brasileiro. Outros estudos buscam auxiliar os estudantes no processo de aprendizagem de UF no ensino de línguas estrangeiras (doravante LE). Barbosa (2015) visando auxiliar estudantes de Português Língua Estrangeira (doravante PLE) descreveu e categorizou os pragmatemas do português brasileiro (doravante PB) com o objetivo de elaborar um dicionário eletrônico. Já Rocha (2014) elaborou um repertório semibílingue de somatismos fraseológicos do PB para aprendizes argentinos. Fonseca (2013), por sua vez, concentrou sua pesquisa em fraseologismos zoônimos, a fim de elaborar uma base de dados português/francês.

Há também os trabalhos que analisam como as UF são apresentadas em materiais didáticos de LE. Podemos citar o trabalho realizado por Budny (2015), que centralizou sua pesquisa na análise de UF com zoônimos em dicionários monolíngues (doravante DM), dicionários bilíngues (doravante DB) (português/inglês) e em livros didáticos do PNLD; Matias (2008), que analisou as EI corporais em DB de uso espanhol-português/português-espanhol; e Carvalho (2011), que fez uma análise das UF presentes em livros didáticos de PLE. Assim como as pesquisas mencionadas acima, buscamos contribuir para o desenvolvimento da seara fraseológica.

Vinculada ao projeto de pesquisa Políticas Linguísticas para Internacionalização do Português (PLIP), coordenado pela professora Dr<sup>a</sup> Rosemeire Selma Monteiro-Plantin, o presente trabalho tem o objetivo de elaborar um modelo de verbete para dicionário fraseológico (doravante DF) composto por EIs para estudantes de PLE. O modelo de verbete apresentado neste trabalho visa auxiliar estudiosos e lexicógrafos na elaboração de dicionários fraseológicos monolíngues (doravante DFM) do PB.



Este trabalho teve como principal motivação uma experiência como professora de PLE, na Guiana Francesa, departamento francês situado na América do Sul. Esse território caracteriza-se, principalmente, pela diversidade linguística, apesar de adotar uma única língua oficial, o francês, que predomina na comunicação formal, nos meios de comunicação, além de ser falado pela maioria dos habitantes como primeira ou segunda língua. Junto ao francês, encontramos as línguas crioulas (crioulo de origem francesa, portuguesa e inglesa), as línguas indígenas (aruaque, o palikúr etc), as línguas africanas (saramacano, paramacano, aluku etc) e as línguas de imigração (português, inglês, espanhol, chinês, hmong etc).

O ensino da língua portuguesa, em especial, recebe um grande destaque neste departamento pelos seguintes motivos: o primeiro é pela proximidade geográfica da Guiana Francesa e do Brasil, ou seja, são territórios de fronteira; o segundo motivo é a grande quantidade de brasileiros no território guianês facilitada pela proximidade geográfica. O ensino de PLE, portanto, é realizado em algumas instituições de ensino fundamental e médio e na *Université des Antilles et de la Guyanne*, localizada na cidade de Caiena, capital do Departamento.

A partir da atuação como professora de PLE em duas instituições de ensino fundamental, trabalhamos com livros didáticos (*Tudo bem?.. Falar... Ler... Escrever... Português: um curso para estrangeiros*) e com DB português/francês (*Dictionnaire Brésilien Larousse e Dictionnaire Portugais Larousse*) e DM (*Mini Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa e Novo Dicionário Lello da Língua Portuguesa*). O contato com esses materiais didáticos permitiu-nos constatar que as UF eram pouco ou nunca apresentadas nas atividades propostas pelos livros e, quando eram abordadas, apresentavam-se de forma assistemática e superficial.

Além dos livros didáticos, os DM e DB também eram usados em sala de aula. Os DM, em especial, chamaram atenção por serem direcionados a falantes nativos de português e utilizados pelos professores e por poucos alunos, muitos desses de origem lusófona. Os demais alunos não tinham conhecimento linguístico suficiente para compreender os aspectos apresentados nessas obras, apesar de algumas vezes utilizá-los.

O uso de DM e DB em sala de aula pouco ajudava na compreensão das UF, pois não as apresentavam contextualizadas de forma que os estudantes pudessem compreendê-las e empregá-las em contextos reais de uso. Diante desse fato, surgiu o seguinte questionamento: “Como o aprendiz de PLE conseguirá compreender os

aspectos culturais e linguísticos das UF e empregá-los adequadamente se, em muitos casos, estas não estão presentes nos dicionários e nos livros didáticos? ”.

Esta experiência em sala de aula, portanto, permitiu-nos concluir que, efetivamente, necessitamos de materiais didáticos que auxiliem professores e aprendizes de PLE, no que concerne ao ensino e ao aprendizado das UF do PB.

A escolha em propor um modelo de verbete para compor um DF composto por EI justifica-se por três motivos. O primeiro motivo é o fato de o verbete fazer parte de um material de apoio para professores e alunos, os dicionários. Acreditamos que um DF poderá sistematizar informações sobre a variedade do PB e apresentar um acervo com informações linguísticas e socioculturais brasileiras. O segundo motivo é o fato de os dicionários escolares monolíngues usados pelos estudantes de PLE, na ausência de DF, muitas vezes, não dispensarem um tratamento lexicográfico adequado às UF. O terceiro motivo é a ausência de DFM para estudantes de PLE, que sistematizem as EI do PB.

Muito embora as UF do PB possam não receber tratamento lexicográfico adequado e não constituam DFM, Alvarez (2000, p. 10) enfatiza que “essas unidades são sistematizáveis e, portanto, podem constituir uma fonte específica de insumo no processo de ensino/aprendizagem de línguas e na prática lexicográfica”. Diante disso, acreditamos, que ao alcançarmos o objetivo geral deste trabalho, apresentamos os paradigmas estruturais relevantes para a composição de verbetes, que comporão DFM de EI de PB para estudantes estrangeiros.

Para que pudéssemos alcançar o objetivo geral deste trabalho, tomamos como base os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar o tratamento lexicográfico dispensado às EI em dicionários escolares monolíngues do PB;
2. Identificar os paradigmas estruturais que devem estar presentes em verbetes de um DF composto de EI;
3. Problematicar sobre a importância de DFMPB para estudantes de PLE.

Motivadas pelos objetivos mencionados acima, buscamos conhecer os trabalhos científicos já realizados e que buscam contribuir para a elaboração de obras lexicográficas compostas por UF do PB para falantes não nativos de português. Para

isso, fizemos um levantamento das teses e dissertações relacionadas ao assunto. Buscamos trabalhos produzidos no Brasil entre os anos de 2000 e 2016. O levantamento de tais trabalhos deu-se a partir das palavras “fraseologia” e “lexicografia”, nos sites da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e no Banco de Teses da Capes, no mês de abril de 2017. É importante ressaltar que os trabalhos por nós repertoriados apresentam explicitamente em seus títulos o procedimento de tratamento ou de análise de UF em obras lexicográficas, podendo, assim, haver obras que não foram mencionadas por não trazerem explicitamente em seus títulos devida informação, mas que tratam do assunto.

Como resultado de nossa busca, identificamos 29 pesquisas (APÊNDICE A) que elaboraram e/ou analisaram obras lexicográficas compostas por UF. Dos 29 trabalhos repertoriados, apenas 6 apresentam uma proposta monolíngue, predominando, assim, a produção e/ou análise de obras lexicográficas bilíngues. Das 6 obras que apresentam uma proposta monolíngue, apenas 3 deixam claro em seus títulos o objetivo de elaborar DFM com UF do PB e apenas 1, tem como público-alvo aprendizes de PLE. Apesar da pouca produção monolíngue, destacamos os trabalhos de Riva (2009), intitulado “Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil” e de Barbosa (2015), intitulado “Por um dicionário eletrônico de pragmatemas do português brasileiro: levantamento, descrição e categorização”, que visa auxiliar estudantes de PLE na compreensão e no uso de pragmatemas do PB. Ambos contribuem de forma significativa para o desenvolvimento de obras lexicográficas monolíngues compostas por UF do PB voltadas para falantes nativos e para falantes não nativos, respectivamente.

Os dicionários de aprendizagem (doravante DA) monolíngues apresentam-se como uma importante ferramenta no ensino de LE, uma vez que apresentam definições mais amplas e elaboradas a partir das habilidades e exigências do seu público-alvo. Diante disso, apontamos o dicionário como um instrumento que pode ser capaz de auxiliar estudantes e professores no processo de ensino e aprendizagem de PLE, tanto dentro quanto fora da sala de aula, assim como na internacionalização da língua portuguesa e da cultura de países lusófonos.

Álvarez (2000) ressaltar que a fraseologia de uma língua deve ser incluída nas situações de ensino e aprendizagem de LE para privilegiar a riqueza cultural e os modos em que essa carga cultural pode ser transmitida no contato intercultural. É importante, portanto, que desenvolvamos materiais de ensino de LE que contemplem,

por exemplo, aspectos linguísticos e culturais, como as UF, pois estas fornecem informações peculiares sobre a história de um povo, sua memória e seus aspectos culturais. Os animais, por exemplo, são símbolos representantes da cultura e sociedade brasileiras e são exaustivamente usados na composição de UF, como em “pagar o pato”, “viver como cão e gato”, “a vaca foi para o brejo”, “abraço de tamanduá”, “acertar na mosca”, “afogar o ganso” etc. Elementos linguísticos presentes na língua e que representam o universo da culinária, do vestuário, da fé, do corpo humano também contribuem para a formação das UF. São exemplos dessas UF: “Ave Maria três vezes”, “vai de retro satanás”, “chuta que é macumba”, “comer angu pelas beiradas”, “acabar em pizza”, “ir plantar batata”, “dar um bolo”, “bater as botas”, “ficar em saia justa”, “rasgar seda”, “bater boca”, “dor de cotovelo”, “olho grande”, dar água na boca” etc.

Diante do universo fraseológico presente na língua, delimitamos nosso trabalho a análise do tratamento lexicográfico dispensado às EI zoomórficas em dicionários escolares. Os zoomorfismos linguísticos caracterizam-se por possuírem em sua estrutura ao menos um nome de animal. A escolha em trabalhar com zoomorfismos linguísticos justifica-se pelo fato de estas expressões estarem indiscutivelmente presentes não só na fala coloquial, mas também nos textos literários e eruditos de nossa língua. Mota (1978 apud Budny, 2015, p. 15) relata que “com tantos símbolos, procedências e antiguidade, os bichos influenciam a fala das pessoas, enriquecem-na com novas significações”.

A presença e o uso dessas unidades no léxico das línguas não são recentes. A Bíblia, por exemplo, pode ser considerada uma das mais importantes fontes geradoras de metáforas zoomórficas e de fraseologismos, uma vez que os textos bíblicos fazem constantes referências a animais das mais diversas espécies (ROMÃO, 2014). Como exemplo, o autor cita as UF “bode expiatório”, presente em Levi; “jogar pérolas aos porcos”, presente em Mateus; “os anos das vacas magras” e “os anos das vacas gordas”, presentes em Gêneses etc.

Já na história e cultura brasileiras, a figura do animal está presente através da música, da literatura, da publicidade etc. Na Literatura, autores como João Cabral de Melo Neto, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos fazem uso exaustivos desses recursos da linguagem para comporem suas obras. Já na indústria cultural e nos meios de comunicação de massa podemos citar as canções, os anúncios publicitários e as telenovelas. Raul Seixas, em 1980, lançou o álbum “Abre-te Sésamo”, no qual está presente a música “Conversa para boi dormir”. Em 1987, o grupo de rock Titãs lança a

música “Nome aos bois”, fazendo referência à UF “dar nome aos bois”. Também são numerosas as telenovelas intituladas com zoomorfismos linguísticos, entre elas estão “Cama de Gato”, “Cobras e lagartos” e “A gata comeu” transmitidas pela Rede Globo de Televisão nos anos de 2009, 2006 e 1985, respectivamente.

Diante da expressividade das UF em geral e de sua frequência na língua, podemos dizer que é indiscutível a necessidade de elaboração de DFMPB para auxiliar no ensino das UF para falantes não nativos de português. Segundo Biderman (2001), um dicionário é um produto cultural, que deve registrar a norma linguística e lexical vigente na sociedade, assim como documentar a práxis linguística dessa comunidade. Dessa forma, um DFMPB registrará as UF frequentes na sociedade brasileira, revelará as peculiaridades linguísticas, na qual estão inseridas e capacitará o consulente a usá-las em contextos adequados. Diante disso, sendo o verbete um dos elementos composicionais de um dicionário, dedicamo-nos nesta dissertação à escolha dos elementos estruturais mais significativos para a composição de um verbete que fará parte de um dicionário de EIs para estudantes estrangeiros.

Para o embasamento teórico deste estudo, tomamos como base os pressupostos da Fraseologia, da Lexicografia Pedagógica (doravante LP), da Metalexicografia e da Fraseografia. Assim, baseamo-nos nos pressupostos fraseológicos de Tagnin (1989, 2013), Xatara (1998), Alvarez (2000), Zavaglia (2007), Fulgêncio (2008) e Monteiro-Plantin (2012); lexicográficos de Biderman (1984, 1998, 2001, 2002), Pontes (2009) e Welker (2004, 2008).

A partir da contribuição dos pressupostos teóricos objetivamos responder as seguintes perguntas:

- Como se dá o tratamento lexicográfico dispensado às EI em dicionários escolares monolíngues do PB?
- Quais paradigmas estruturais são relevantes para compor um verbete pertencente a um DF de EI?
- Qual a importância do uso de DFMPB para o ensino de PLE?

Para a problematização e tentativa de dar uma resposta aos questionamentos acima, organizamos esta dissertação a fim de apresentar um panorama da Fraseologia, da Lexicografia e da LP, áreas de estudo em que se enquadra a presente dissertação; apresentar o objeto de investigação deste trabalho: as UF; abordar os procedimentos metodológicos para elaboração de um modelo de verbete para um DF de

EI; apresentar a análise dos dados desta pesquisa e, por fim, apresentar uma proposta de verbete.

Tendo em vista a discussão aqui apresentada, em face de um grande universo de pesquisas na área da Fraseologia e da Lexicografia a respeito do ensino de línguas, em particular do PLE, esperamos ter apresentado um panorama inicial sobre o estado da arte em nossa temática de pesquisa, bem como os motivos pelos quais acreditamos que nosso estudo possa contribuir para discussões e desenvolvimento de trabalhos na área.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta as correntes teóricas, nas quais este trabalho está fundamentado. Logo, este capítulo apresenta os fundamentos teóricos da Fraseologia, da Lexicografia Pedagógica e da Fraseografia.

### 2.1 Lexicografia

As modalidades oral e escrita da língua constituem universos da linguagem e, como tal, possuem características próprias. Tanto a linguagem oral quanto a escrita são meios de transmissão de ideias e conhecimentos. Além disso, a variedade escrita é a representação da herança cultural e literária de uma sociedade. Higounet (2003, p.13) reforça a relação entre a história, a escrita e o homem ao dizer que

a escrita faz de tal modo parte da nossa civilização que poderia servir de definição dela própria. (...) Vivemos os séculos da civilização da escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se sobre o escrito. A lei escrita substitui a lei oral, o contrato escrito substituiu a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. E, sobretudo, não existe história que não se funde sobre textos (HIGOUNET, 2003, p. 13).

Na Idade Antiga, na Europa romanizada, o aprimoramento do sistema de escrita permitiu ao homem registrar os relatos de grandes conquistas, de importantes descobertas na ciência, de perpetuar as grandes obras literárias etc. Esses fatos foram registrados, em grande parte, graças ao trabalho dos monges copistas, que copiavam os livros à mão, auxiliados pelos miniaturistas, responsáveis por iluminar o local de trabalho, o *scriptorium*. Com o declínio do Império Romano, o latim, língua falada à época, usado pelo povo distanciou-se do latim culto, este restrito aos monastérios e empregado nos escritos copiados pelos monges copistas. Diante da distância entre o latim presente nos escritos e o latim falado pela sociedade, sentiu-se a necessidade de redigir as glosas, anotações que serviam para explicar o sentido de palavras e de expressões presentes nos manuscritos, a fim de facilitar a compreensão dos textos latinos. Com aprimoramento das técnicas de escrita, as glosas passaram a ser organizadas de forma aleatória em apêndices e, mais tarde, em ordem alfabética. Segundo Durão (2010), os copistas, ao organizarem as glosas em ordem alfabética, deram início, ainda que modestamente, à Lexicografia.

Na Idade Moderna, segundo Biderman (1984a), tivemos o surgimento da verdadeira Lexicografia. Anteriormente, segundo a autora, tivemos a elaboração de

algumas obras lexicográficas, como glosas e glossários, porém sem valor científico e linguístico. Com o desenvolvimento da sociedade e com a ascensão das línguas modernas, as produções lexicográficas tornaram-se mais elaboradas. A necessidade de comunicação entre os diferentes povos propiciou o surgimento de obras bilíngues, ainda, no século XVI, na França, na Espanha e em Portugal. Já as obras lexicográficas monolíngues surgiram no século XVII. Os séculos XVIII, XIX e XX são marcados pelo aprimoramento das obras lexicográficas e pela publicação de enciclopédias, sendo estas, obras de referência, que reuniam informações sobre diversas áreas do conhecimento voltadas para o público em geral. Segundo Gomes (2007), os dicionários diferenciavam-se das enciclopédias, por não terem uma leitura exaustiva, pois permitiam uma consulta rápida e focada em aspectos específicos da necessidade do falante. As enciclopédias, por outro lado, proporcionavam uma leitura mais lenta e demorada por apresentarem uma maior variedade de informações em um texto menos conciso que um verbete de dicionário.

Atualmente, a Lexicografia, de uma maneira geral, é definida como a técnica de produzir dicionários. Segundo Biderman (1984a, p. 3),

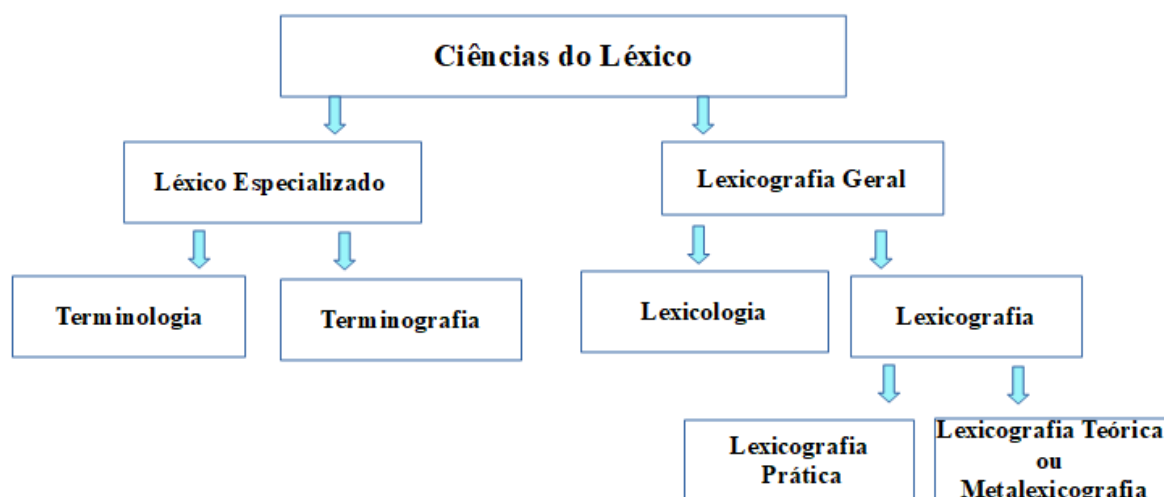
(...) a lexicografia se expande e assume modalidades várias em função do vasto público, das grandes massas sequiosas de informações sobre a sua língua, sobre as línguas estrangeiras e sobre o universo. O dicionário se tornou um objeto de consumo de primeira necessidade (BIDERMAN, 1894, p. 3).

Em razão de seu objeto de estudo e, respeitando sua autonomia, métodos e técnicas, a Lexicografia integra as chamadas ciências do léxico (FIGURA 1), juntamente à Lexicologia, à Terminologia e à Terminografia. Apesar de todas terem o léxico como objeto de estudo, cada uma dessas disciplinas possui características próprias. Para Barbosa (1995), a Lexicologia é a ciência básica que estuda cientificamente o léxico. Já a Terminologia é a ciência voltada para a linguagem científica, ocupando-se dos termos técnico-científicos. A Lexicografia e a Terminografia são ciências aplicadas, que tratam, principalmente, da produção de obras lexicográficas e terminográficas, respectivamente.

Assim como Barbosa, Hernández (1989 apud Pontes, 2009), define a Lexicografia como a ciência que estabelece os pressupostos teóricos e práticos para a elaboração de dicionários. Segundo Hernández, a Lexicografia é uma disciplina situada no âmbito da Linguística Aplicada e subdivide-se, essencialmente, em Lexicografia Prática e Lexicografia Teórica ou Metalexicografia.



Figura 1 - Ciências do léxico



Fonte: autora

A Lexicografia Prática é responsável pelo fazer lexicográfico, ou seja, a elaboração de dicionários. Ao lado dessa perspectiva aplicada, situa-se a Lexicografia Teórica ou Metalexigrafia, disciplina centrada no estudo das inúmeras faces da produção de dicionários. Esta estabelece os fundamentos para o fazer lexicográfico, assim como para os estudos da história lexicográfica e para a teoria do trabalho lexicográfico, para a elaboração dos princípios da lexicografia monolíngue e plurilíngue, para os estudos críticos dos dicionários, para as reflexões sobre a tipologia dos dicionários, para a teoria do texto lexicográfico e para as reflexões sobre a metodologia de elaboração de dicionários (DAPENA, 2002).

Segundo Pontes (2009), a Lexicografia Teórica subdivide-se em diversos ramos, entre eles a Lexicografia Discursiva, baseada nos pressupostos da Análise do Discurso. Os seguidores desta disciplina veem, no texto lexicográfico, o discurso, que revela peculiaridades de uma sociedade. Outro ramo da Lexicografia Teórica é a Lexicografia Computacional que se dedica à construção de dicionários eletrônicos. Há, ainda, a LP, cujo objetivo principal é desenvolver materiais lexicográficos, utilizados no plano educacional, atendendo as necessidades linguísticas dos usuários.

### 2.1.1 Lexicografia Pedagógica

A LP é uma subárea da Lexicografia e tem como objetivo principal desenvolver obras lexicográficas destinadas a aprendizes de língua materna (doravante LM) e LE. Segundo Seide (s/d), a LP, em uma perspectiva mais ampla, é uma disciplina que fornece fundamentos para análise crítica dos dicionários com ênfase às suas potencialidades pedagógicas; elaboração dos chamados DP; investigação do uso de obras lexicográficas pelos consulentes, por alunos e por professores, em situações formais e informais de ensino e pesquisas sobre quais são as necessidades dos consulentes.

Segundo Welker (2008), cabe a LP fornecer subsídios teórico-metodológicos para o desenvolvimento de DP utilizados no plano educacional e voltados para aprendizes de LM e LE. Segundo o autor, os DP diferenciam-se segundo o público-alvo. Para Welker (2008),

uma primeira diferenciação separa os Dicionários Pedagógicos para aprendizes da língua materna daqueles dirigidos a aprendizes de línguas estrangeiras. Tal divisão é feita, por exemplo, por Arizon Fernández (2000, p. 22) – que chama os DPs de didáticos – empregando os termos dicionário escolar (para aprendizes da língua materna) e dicionário de aprendizagem (para aprendizes de línguas estrangeiras) (WELKER, 2008, p. 16).

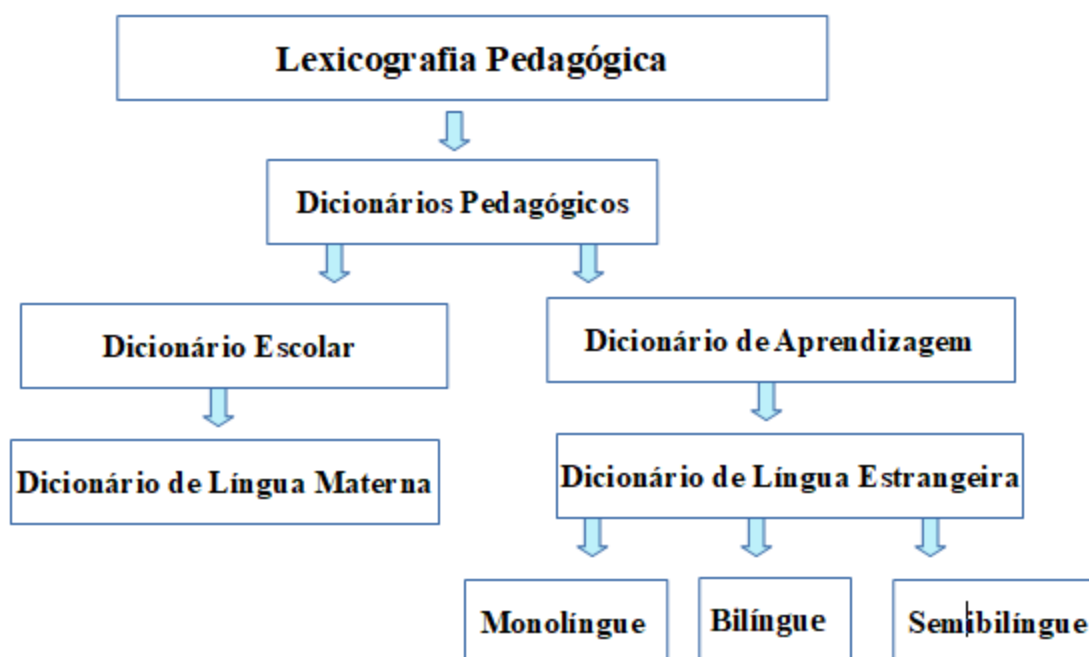
Os DP, portanto, subdividem-se em dicionários escolares, voltados para estudantes de LM e em DA, que visam os estudantes de LE. Os DP diferenciam-se dos dicionários comuns pela preocupação com os aprendizes, pois são elaborados de acordo com as suas necessidades e habilidades. Duran e Xatara (2007) ressaltam que

enquanto na Lexicografia tradicional muitas vezes se julga um dicionário pela quantidade de entradas, na LP, quantidade não é sinônimo de qualidade. A qualidade está, antes, relacionada ao grau de satisfação que o aprendiz sente ao fazer uso do dicionário (DURAN E XATARA, 2007, p. 204).

As autoras, ainda, salientam que a LP compreende tanto a produção de DB quanto de DM para estrangeiros, evidenciando a atenção que o lexicógrafo deve ter sobre os grupos de usuários de um dicionário, a fim de atender suas necessidades e respeitar suas limitações.

A partir do público visado, os DA classificam-se como bilíngues, monolíngues e semibíngues (PONTE, 2009, p. 35).

Figura 2 – Lexicografia Pedagógica



Fonte: Autora com base em Pontes (2009) e Welker (2008).

Subdivididos em dicionários escolares e DA, os DP possuem papel bastante relevante, tanto no trabalho em sala de aula quanto fora dela. Os DA, em especial, classificados em DM, DB e dicionários semibílingues, são de grande relevância para o desenvolvimento da capacidade do estudante em produzir e entender uma LE.

### 2.1.2 Dicionários de Aprendizagem

- **Dicionários Bilíngues**

A lexicografia bilíngue caracteriza-se por ser anterior à lexicografia monolíngue. Os DB surgiram na Europa, durante o século XVI, quando o homem renascentista começou a ampliar os seus horizontes culturais e, com isso, descobriu a necessidade de aprender línguas (BIDERMAN, 1984).

Desde o seu surgimento, no século XVI, até o século XIX, a função dos DB era, basicamente, colecionar equivalências entre duas línguas e proporcionar, ainda que de forma limitada, o aprendizado de LE. Já no século XX, com o desenvolvimento da Lexicografia voltada para o ensino de LE, houve mudanças na forma e no conteúdo dos DB. Segundo Duran e Xatara (2008, p.246),

a moderna lexicografia bilíngüe tem apresentado diversas inovações que auxiliam o estabelecimento de associações e a descoberta de aspectos pragmáticos relacionados com o léxico, pois oferecem contextualizações e mais uma série de informações especialmente elaboradas tendo em mente as dificuldades do aprendiz de LE (cf. WORSCH, 1999 e BINON, VERLINDE & SELVA, 2003). Marcas de uso, notas de uso, exemplos escolhidos com critérios pedagógicos, definições em língua estrangeira com uso de vocabulário fundamental são algumas dessas inovações (DURAN; XATARA 2008, p.246).

Quanto aos critérios de classificação, os DB são classificados com os mesmos critérios utilizados para classificar os DM, tais como tamanho e forma de organização, acrescido de mais três critérios exclusivos: a funcionalidade, a direcionalidade e a reciprocidade (DURAN, 2004, p. 21). Duran define cada um desses critérios:

**FUNCIONALIDADE:** existem duas funções básicas do dicionário bilíngüe - apoio à codificação e apoio à decodificação. A função de codificar está associada à direção língua materna → língua estrangeira e a função de decodificar está associada à direção língua estrangeira → língua materna.

**RECIPROCIDADE:** esse critério diz respeito ao público-alvo do dicionário bilíngüe. O dicionário bilíngüe recíproco é aquele que tem dois públicos-alvo: tanto os falantes da língua-fonte quanto os falantes da língua-alvo. Nele, cada uma das direções do dicionário pretende atender duas funções: enquanto um público utiliza as informações para decodificar, o outro as utiliza para codificar. O dicionário não-recíproco, ao contrário, é aquele que se destina a falantes de apenas uma das línguas nele contempladas.

**DIRECIONALIDADE:** esse critério admite duas ocorrências. Sendo, por exemplo, A e B as línguas envolvidas, o dicionário bilíngüe monodirecional é aquele que apresenta apenas uma das direções possíveis, ou AB ou BA, enquanto o bidirecional apresenta ambas as direções, AB e BA (DURAN, 2004, p. 21).

O DB caracteriza-se, portanto, por ser uma obra em que os vocábulos da LM estão em contato imediato com palavras da LE, auxiliando os estudantes nos processos de produção e compreensão da língua-alvo.

- **Dicionários Monolíngues**

Posterior à lexicografia bilíngüe, a lexicografia monolíngüe surge na Europa renascentista, época do surgimento do denominado dicionário geral da língua, a mais prototípica das obras lexicográficas.

A compilação de vocabulários monolíngues para a produção de obras de cunho pedagógico iniciou-se na Itália, no século XVI (BIDERMAN, 2003). Os DM surgem e desenvolvem-se por determinações históricas e políticas, atendendo a

finalidades definidas (KRIEGER, 2006). Elaboradas sem regras fixas estabelecidas, essas obras não tinham como objetivo suprir as necessidades linguísticas dos consulentes.

Já a produção dos primeiros DM para estudantes estrangeiros foi realizada por anglófonos. Segundo Cowie (1999, apud Duran, 2008), a elaboração desse material só foi possível graças ao conhecimento que seus elaboradores adquiriram ensinando inglês em países não anglófonos. A experiência de confecção de dicionários por professores que conheceram as dificuldades de alunos estrangeiros, revelou a importância de se conhecer as dificuldades dos usuários para, dessa forma, elaborar obras lexicográficas que supram as necessidades e potencializem as habilidades dos usuários.

Segundo Pontes (2009), os DM para estrangeiros devem ser distintos dos DM para nativos. O autor relata que os DMs apresentam definições que são autênticas explicações, pois são mais claras que as dos monolíngues para nativos; apresentam informações elementares, que podem ser supérfluas em muitos casos para um falante nativo e devem incluir exemplos que permitam o uso da palavra e aclarem o seu significado.

- **Dicionários Semibilíngues**

O termo “semibilíngüe” foi estabelecido por Lionel Kernerman, em 1986 (ILAN KERNERMAN, 1994 apud DURAN e XATARA, 2005). Atualmente, segundo Selistre e Miranda (2010), os dicionários semibilíngues são uma alternativa aos DM e DB. Os dicionários semibilíngues caracterizam-se, portanto, por apresentarem a relação entre a LM do falante e a LE, língua-alvo.

### **2.1.3 A Organização dos Dicionários: macroestrutura e microestrutura**

A organização dos dicionários é discutida por vários metalexícógrafos. Independente do público, as obras lexicográficas se organizam em dois eixos: o primeiro é a macroestrutura, definida como o “conjunto de entradas organizadas verticalmente no corpo do dicionário ou nomenclatura” (PONTES, 2009, p. 73); o segundo é a microestrutura, que se refere ao conjunto de informações ordenadas horizontalmente após a entrada (PONTES, 2009).

A macroestrutura caracteriza-se por ser o dicionário propriamente dito, ou seja, a grande estrutura formada pelas entradas lexicais (substantivos, adjetivos, pronomes etc.). “A entrada tem como seu eixo básico a definição da palavra em epígrafe. Essa definição nada mais é que uma perífrase metalinguística da palavra posta como entrada” (BIDERMAN, 1984, p. 28). No que diz respeito à sua inclusão nos dicionários, as entradas são organizadas a partir de um paradigma lexicográfico existente para a classe gramatical à qual pertencem.

Com relação à microestrutura, Pontes (2009, p. 95) a define como “um conjunto de paradigmas (ou informações) ordenados e estruturados, dispostos horizontalmente, ou seja, linearmente, após a entrada, dentro de cada verbete”. Essas informações fazem referência à etimologia, à categoria gramatical, à definição, ao uso, às acepções da palavra etc. Alguns desses paradigmas são obrigatórios e o que determinará a presença destes será o tipo de dicionário e o público para o qual obra será destinada etc.

Welker (2004) subdivide a microestrutura em concreta e abstrata. Segundo o autor, a concreta refere-se àquela que encontramos no verbete, é a forma em que as informações sobre o lema são apresentadas. Já a abstrata é a estrutura que se elabora *a priori*, sendo esta preenchida com os dados apresentados na microestrutura concreta, ou seja, no verbete.

O verbete, por sua vez, é a unidade básica de organização do dicionário, compondo-se de uma entrada e um conjunto de informações sobre a própria entrada (RANGEL, BAGNO, 2006). Hausmann & Wiegand (1989, p. 341 apud Welker, 2004, p. 108) descrevem as informações mais importantes que podem estar presentes nos verbetes:

- Informação que identifica o lema na sincronia (grafia, pronúncia, acentuação, classe gramatical, flexão);
- Informação que identifica o lema na diacronia (etimologia);
- Marcas de uso;
- Informação explicativa (principalmente, a definição; às vezes, descrições enciclopédicas);
- Informação sintagmática (construção, colocações, exemplos);
- Informação paradigmática (sinônimos, antônimos etc.);
- Vários tipos de informação semântica (por exemplo, sobre metáforas);

- Observações (por exemplo, sobre o uso do lema);
- Ilustrações (desenhos, gráficos);
- Elementos de ordenamento (por exemplo, diversos símbolos);
- Remissões;
- Símbolos substitutivos (geralmente, o til, para evitar repetições).

Desde que exista um padrão, é possível elaborar qualquer tipo de microestrutura utilizando estas informações. Como mencionamos, as informações que estarão no verbete dependerão do tipo de dicionário, da função do dicionário, do público para quem a obra será destinada etc.

## 2.2 Fraseologia

Para falarmos sobre a ciência fraseológica, destacamos a ambiguidade do termo Fraseologia. Esse termo é utilizado para designar tanto o conjunto de fenômenos fraseológicos como a disciplina que os estuda. Segundo Klare (1986), essa ambiguidade deve-se ao fato de a Fraseologia, por um lado, ser considerada como o conjunto dos fraseologismos, o conjunto de locuções fraseológicas, isto é, o fraseolêxico de uma língua e, por outro lado, ser entendida como uma subdisciplina linguística, que tem por tarefa a pesquisa do fraseolêxico.

Quando nos referimos à Fraseologia como disciplina linguística, deparamo-nos com inúmeras discussões que tratam da definição do seu conceito e da delimitação do seu objeto de estudo. Logo, a imprecisão terminológica pode ser um dos principais obstáculos enfrentados por estudiosos que iniciam pesquisas na área, pois é comum nos depararmos com diferentes definições que conceituam e que delimitam o objeto de estudo dessa disciplina.

Destacamos neste trabalho as definições de Fraseologia apresentadas por Alvarez e Monteiro-Plantín. Alvarez (2010, p. 148), define Fraseologia como “a ciência que estuda as combinações de elementos linguísticos de uma determinada língua, relacionados semanticamente e sintaticamente, cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos e não pertencem a uma categoria gramatical específica (...)”. De uma maneira mais ampla, Monteiro-Plantín (2012) concebe a Fraseologia como

uma disciplina independente, relacionada a todos os níveis de análise linguística (do fonético ao discursivo-pragmático), cujo o objetivo é o estudo

das combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, formadas por duas ou mais palavras, que constituem a competência discursiva dos falantes, em língua materna, segunda ou estrangeira, utilizadas convencionalmente em contextos precisos, com objetivos específicos, ainda que, muitas vezes, de forma inconsciente. (MONTEIRO-PLANTIN, 2012, p. 33).

Já as UFs, objeto de estudo da Fraseologia, são lexias consagradas pelo uso em comunidades linguísticas. Estas são convencionalizadas e fixadas no vocabulário de uma língua de tal forma que passam a ser empregadas por todos os falantes. Para Alvarez (2012, p. 358),

as unidades fraseológicas estão a serviço da expressividade e do pitoresco, da emotividade e da oralidade, fazendo constantemente um apelo ao exagero e à ironia, à persuasão e à comicidade em discursos que deixam transparecer, quase sempre, cargas emocionais. Elas apresentam-se como expressões vivas da língua, muitas vezes de cunho único, especificidades das culturas, transportadas pela inerência da sua expressividade e emotividade, expressa nos relatos de vida, cheia de “densos significados humanos”, políticos e ideológicos (ALVAREZ, 2012, p. 358). (aspas do original)

Quanto à formação, Monteiro-Plantin (201, p. 164) relata que as UFs são

seqüências linguísticas, formadas por dois ou mais elementos, que se apresentam de forma mais ou menos fixa, com certo grau de idiomaticidade, convencionalizadas pelo uso e que constituem a competência discursiva dos falantes que as utilizam em contextos precisos, ainda que de forma inconsciente (MONTEIRO-PLANTIN, 2011, p. 164).

A partir das definições apresentadas, compreendemos a Fraseologia como uma disciplina que estuda as combinações lexicais relativamente estáveis e indivisíveis presentes nas línguas naturais, as UF. Quanto à composição, apresentam dois ou mais elementos, que se diferenciam das palavras e combinações livres, sendo o seu significado dado pela interpretação do conjunto dos elementos que as compõem.

Para realizarmos um trabalho na seara fraseológica, é preciso considerarmos as características e traços marcantes das UF. Para isso, trataremos a seguir das principais características dessas unidades: fixação, idiomaticidade e convencionalidade.

Monteiro-Plantin (2012) considera a fixação um dos traços mais relevantes das UF, pois é a partir desta que podemos considerar as demais características. Quanto ao aspecto da fixação, Welker (2004, p. 166) relata que

todos os fraseólogos concordam que ele é relativo, embora muitos frasemas sejam totalmente fixos (não se pode mudar nem a forma nem a seqüência dos componentes e tampouco inserir outros elementos), há aqueles, inclusive idiomáticos, que existem em formas variadas (WELKER, 2004, p. 166).



Por ser uma característica formal, “a fixação pode manifestar-se nas UF através de restrições no eixo sintagmático (restrição para flexões, pronominalizações e passivização) e no eixo paradigmático (restrição para comutação de termos e inserção de novos elementos)” (MONTEIRO-PLANTIN, 2012, p. 88), ou seja, as UF possuem relativa estabilidade em sua forma (fixação formal) e em seu significado (fixação semântica, também entendida por idiomaticidade).

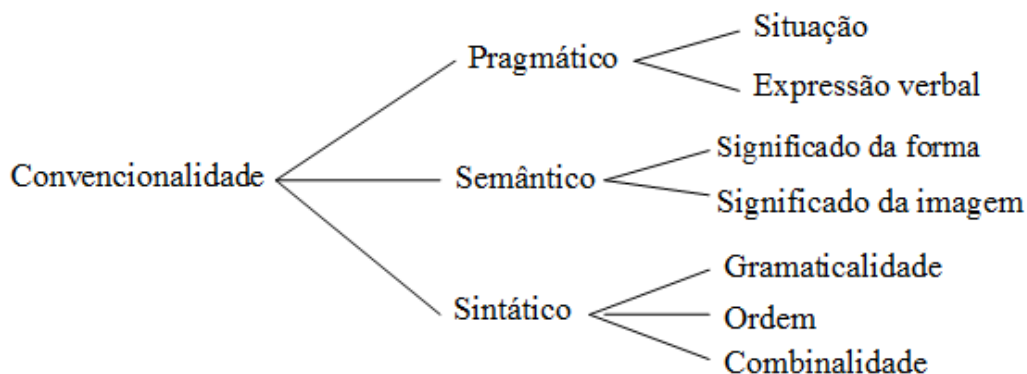
A idiomaticidade remete-nos a não composicionalidade semântica. Segundo Alvarez (2000), a idiomaticidade não é motivada por questões de ordem sintática e semântica, mas pragmática, motivada pelo uso. Dizemos, portanto, que uma expressão é idiomática quando o seu significado é opaco, não transparente. Os significados dessas expressões não correspondem à somatória do significado de cada um dos seus elementos. Assim, a UF “João chutou o balde” deve ser interpretada como “João perdeu a calma”. Concluímos, portanto, que enquanto a fixação é uma propriedade sintática, a idiomaticidade é uma propriedade semântica.

A convencionalidade, por sua vez, é definida como tudo aquilo consagrado pelo uso, aquilo que se aceita de comum acordo (TAGNIN, 1989), ou seja, aquilo que é aceito e reconhecido pela coletividade. Certas UF, como “macaco velho”, “engolir sapo”, muitas vezes, são compreendidas, porém não são perceptíveis aos brasileiros por dois motivos. O primeiro motivo é o fato de serem UF pertencentes a nossa LM e, portanto, naturalmente empregadas no discurso; e o segundo motivo é o fato de estas UF serem convencionalmente aceitas em nossa sociedade.

Ainda segundo Tagnin (1989), a convencionalidade pode ser encontrada nos níveis linguísticos sintático, semântico e pragmático da língua. A autora resume os níveis de convencionalidade na figura a seguir:

Figura 3 - Níveis de convencionalidade das Unidades Fraseológicas

### Níveis de convencionalidade



Fonte: TAGNIN (1989, p. 17)

Ao analisarmos cada um dos níveis apresentados acima, compreendemos que o nível pragmático corresponde às situações nas quais fazemos uso das UF, estas situações exigem determinado comportamento social e a adequação da expressão verbal empregada na ocasião. Já no nível semântico, detectamos a convencionalidade na relação não motivada entre uma expressão e seu significado (TAGNIN, 1989). O nível sintático, por sua vez, corresponde à combinabilidade dos elementos, sua ordem e sua gramaticalidade.

Segundo Tagnin (1989), a combinabilidade faz referência à faculdade que os elementos têm de se combinar. Em português, por exemplo, há palavras que se combinam de tal maneira que a única explicação é a de que a combinação tenha sido consagrada pelo uso. Podemos citar, por exemplo, a expressão “velho gagá”, em que o adjetivo “gagá” só ocorre com “velho”. A ordem em que os elementos da expressão ocorre também pode ser convencional. Em português, dizemos “curto e grosso” e não “grosso e curto”. Já a gramaticalidade desafia as explicações gramaticais por combinar elementos normalmente não aceitos pela gramática, mas aceitos na sociedade por terem o uso consagrado.

#### 2.2.1 Classificação das unidades fraseológicas

Apresentamos neste tópico a definição de algumas UF, entre elas: sentenças proverbiais, pragmatemas e fórmulas situacionais e colocações. Neste mesmo tópico nos deteremos à discussão do conceito e características das EI.

- **Sentenças Proverbiais**

Dentro dos estudos fraseológicos destacam-se os trabalhos relacionados às sentenças proverbiais. Estas, apesar de estarem dentro do escopo da Fraseologia, possuem seu âmbito de estudos próprio, ao qual se dá o nome de Paremiologia. O termo paremiologia vem do grego *paroimía* (provérbio), palavra derivada de parêmia, sinônima de provérbio. A paremiologia é, portanto, a área que se ocupa especialmente em conceituar, descrever e analisar os provérbios das línguas naturais. Ao considerarmos as parêmias como parte da Fraseologia, apesar de poder ser estudada à parte, podemos falar em Fraseoparemiologia (MONTEIRO-PLANTIN, 2012).

Quanto à definição, Xatara e Succi (2008) conceituam o provérbio como

uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade lingüística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar. (XATARA; SUCCI, 2008, p. 33)

Além de aconselhar, advertir, transmitir uma lição ou um ensinamento, os provérbios caracterizam-se, também, por serem atemporais e impessoais. Entendemos o seu aspecto impessoal como o não comprometimento do enunciador com o que é transmitido. Já a atemporalidade caracteriza-se por não exigir do locutor o conhecimento da origem e da motivação etc. do provérbio utilizado, assim como, permitir a atualização do conteúdo semântico transmitido.

- **Pragmatemas e Fórmulas Situacionais**

Os pragmatemas, assim como as outras UF, estão presentes em todas as línguas naturais. Estes caracterizam-se por serem usados como elementos que exprimem a polidez, a educação, a gentileza no dia a dia dos falantes de uma língua. Os estudos dessas UF, muitas vezes, estão ancorados nos pressupostos da Análise do Discurso e da Pragmática.

Monteiro-Plantin (2012, p. 74), levando em consideração o caráter pragmático dos pragmatemas, categoriza-os em:

- Fórmulas de rotina: com licença, por favor, obrigada, cai fora, não me importo etc.;
  - Fórmulas epistolares: prezado senhor, caros participantes;
  - Fórmulas ritualizadas: tudo de bom, um brinde, vai dar tudo certo etc.;
  - Fórmulas religiosas: se Deus quiser, Deus queira etc.;
  - Fórmulas situacionais: use o cinto de segurança, proibido estacionar;
  - Marcadores conversacionais: olha só, por falar em etc.
- 
- **Colocações**

Welker (2011) explica que o termo *collocation* (colocação) foi empregado pela primeira vez por Firth (1957) para fazer referência às ocorrências de palavras que “habitualmente andam juntas”, como “chuva torrencial”, “recepção calorosa”, “criar laços”, “livre e espontânea vontade” etc.

Quanto à definição, as colocações são ditas como “combinações lexicais recorrentes, não-idiomáticas, coesas, cujos constituintes são contextualmente restritos e de coocorrência arbitrária” (TAGNIN, 1998, p. 41). De forma mais ampla, Monteiro-Plantin (2012, p. 72) as define como “expressões linguísticas formadas por uma base e um colocado, na qual encontramos coocorrência léxico-sintática, ou seja, as palavras que constituem a expressão frequentemente aparecem juntas, dando, inclusive, a impressão de que a combinação se deu de forma natural (...)”

- **Expressões Idiomáticas**

Assim com as demais UF, as EI são elementos linguísticos presentes nas línguas naturais, que se relacionam com a cultura compartilhada pelos falantes de uma mesma comunidade. As EI são, portanto, manifestações e representações linguísticas e culturais de uma determinada sociedade.

Segundo Alvarez (2000), as EI expressam a dinamicidade da língua e se adaptam às necessidades comunicativas dos interlocutores. De uma maneira geral, elas

podem ser incorporadas ao léxico, podem ser efêmeras e apresentam-se como um dos elementos mais pitorescos da língua.

As EI são definidas por Xatara (1998, p. 170) como “uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Já Alvarez (2010, p. 149) define as EI como “uma unidade locucional indivisível que, pelo constante uso em uma tradição cultural, tem um significado diferente da simples adição dos significados de suas partes, logo, tem caráter metafórico”.

Para Tagnin (1989), ao nos referirmos às EI estamos falando de expressões cujo significado é semanticamente convencionalizado devido à dificuldade de compreendê-lo através da análise de seus constituintes separadamente.

Em meio a grande quantidade de EI, estas podem ser classificadas em EI convencionais e idiomáticas, conforme Tagnin (1988) e em EI idiomáticas e não-idiomáticas, de acordo com Álvarez (2000).

Ao classificar as EI em idiomáticas e não-idiomáticas, Alvarez (2000) relata que no caso das EI não-idiomáticas, o significado dos componentes não sofre mudanças, sendo o significado total dado pelo significado de cada um dos elementos da combinação. Já no caso das EI idiomáticas, o significado total não é o resultado do significado das partes, ou seja, o conteúdo não se corresponde com a forma.

Tagnin (1988, p. 43), por sua vez, classifica as EI, sob o ponto de vista da idiomaticidade, em convencionais e idiomáticas. A autora classifica as EI convencionais como aquelas que são compreendidas a partir da decomposição de seus itens lexicais, pois possuem um certo grau de transparência semântica. Já as EI idiomáticas não são decodificadas literalmente, pois o seu sentido não resulta da somatória do significado dos elementos que as constituem.

Tagnin (1989) ressalta que a classificação das EI em convencionais e idiomáticas não é empregada quando essas expressões são incluídas em dicionários e materiais didáticos. A autora diz que “os dicionários e livros-texto que arrolam expressões idiomáticas geralmente não fazem diferença entre expressões convencionais e expressões idiomáticas, por não entenderem idiomático no sentido de significado não transparente” (TAGNIN 1989, p. 43).

A partir das definições acima explicitadas, concebemos as EI como unidades lexicais complexas e indecomponíveis, criadas por uma comunidade linguística que fixa e convencionaliza seu uso, a fim de comunicar expressivamente sentimentos, ideias, desejos etc., representando peculiaridades culturais da comunidade.

### 2.3 Fraseografia e os dicionários fraseológicos

Segundo Biderman (2005, p. 747), “o léxico de uma língua inclui unidades muito heterogêneas – desde monossílabos e vocábulos simples até sequências complexas formadas de vários vocábulos e mesmo frases inteiras como é o caso de muitas expressões idiomáticas e provérbios”. A presença dessas unidades em dicionários gerais e de LE tem despertado a preocupação de muitos lexicógrafos e fraseólogos. Esta preocupação centra-se, sobretudo, no tratamento lexicográfico dispensado às UF, pois, embora estas sejam essenciais para o desenvolvimento da competência linguística dos aprendizes nativos e estrangeiros, os dicionários podem não apresentá-las de forma significativa e sistemática, bem como, muitas vezes, não apresentam em sua introdução uma orientação para guiar o leitor em sua busca, o que nos leva a concluir que estes podem não auxiliar de forma satisfatória os consulentes.

Diante das teses de doutorado, dissertações de mestrado e artigos científicos que tratam das UF da língua portuguesa, é certo que os estudos fraseológicos no Brasil estão consolidados. Porém, os estudos metalexicográficos ainda não dispensam um tratamento lexicográfico a todas as UF da língua. Segundo Welker (2011, p. 140), “os estudos metalexicográficos focam sobre colocações e sobre expressões idiomáticas, pois essas são os dois tipos de fraseologismos mais comuns nos dicionários gerais”, o que nos leva a pensar nas possíveis lacunas existentes nessas obras ao não contemplar as demais UF presentes na língua.

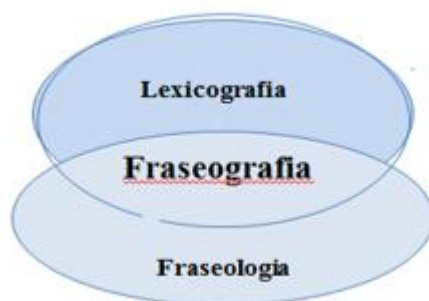
Apesar de sabermos que sistematizar todas as UF existentes em uma língua pode ser uma tarefa difícil, devido à quantidade de UF na língua, ressaltamos a importância e a necessidade de tê-las, no maior número possível e em sua diversidade, registradas nos dicionários, pois estes transmitem informações linguísticas e culturais essenciais para a compreensão e o uso do código linguístico e a atuação adequada do indivíduo na sociedade.

Diante das limitações encontradas na abordagem, na sistematização e no tratamento lexicográfico das UF e o interesse em elaborar DF, para assim contemplar o maior número de UF possível, desenvolveu-se um novo ramo da Lexicografia, a Fraseografia. A Fraseografia, segundo Tristá Perez (1998, p. 297 apud Aguiar 2003, p. 29), investiga os “problemas teóricos e práticos que permeiam a elaboração de dicionários fraseológicos”

Segundo Olímpio de Oliveira Silva (2007 apud Miranda, 2014, p. 104), “o termo fraseografia surgiu há mais de 20 anos na linguística soviética para denominar um ramo da lexicografia que se ocupa da elaboração dos preceitos teóricos que determinam a produção de dicionários fraseológicos”.

A Fraseografia caracteriza-se, portanto, pela relação existente entre a Lexicografia e a Fraseologia, possuindo, assim, o mesmo objeto de estudo da Fraseologia, as UF. Dessa forma, os estudos fraseográficos devem levar sempre em conta a teoria lexicográfica e, sobretudo, a teoria fraseológica. De forma simples, tentamos demonstrar através da figura abaixo a relação da Lexicografia com a Fraseologia que resulta na Fraseografia:

Figura 4 - Fraseografia



Fonte: autora.

Os DF, produto da Fraseografia, apresentam, segundo Welker (2011, p. 141), vantagens, pois “a ordenação dos fraseologismos é facilitada e pode haver não somente um número maior de fraseologismos como também mais informações sobre cada um deles”.

No que concerne à elaboração de DF, Xatara e Parreira (2011) e Rocolatto (2004) estabelecem os procedimentos necessários para elaboração dessas obras. Xatara e Parreira (2011, p. 70) listam as etapas e questionamentos que podem auxiliar no desenvolvimento de um projeto fraseográfico. São eles:

- Quais unidades constituirão a obra?
- Quais elementos entrarão na microestrutura de cada verbete?
- Tratar-se-á de uma obra monolíngue, bilíngue ou multilíngue?
- Para qual público será direcionada – público geral ou de especialistas etc.?

Com o mesmo objetivo de Xatara e Parreira (2011) de estabelecer os procedimentos para a elaboração de DFs, Roncolato (2004, p. 51) destaca que para a elaboração de um DF é necessário:

- Ter um conceito preciso de EI e de expressão fixa, deixá-lo claro ao leitor e ser fiel a ele durante a seleção das construções;
- Incluir observações quanto a usos regionais e gerais;
- Realizar atualizações a cada edição;
- Apresentar os significados de modo claro e completo, a fim de viabilizar o entendimento da abrangência de tais significados;
- Apresentar a expressão acompanhada por pelo menos um exemplo que pode ser uma oração ou um período em que a UF possa estar inserida.

Além dos elementos que devem estar presentes em um projeto fraseológico, Xatara e Parreira (2011) ressaltam a contribuição de diversas áreas da Linguística para elaboração dos DF. Segundo as autoras, o fraseógrafo pode recorrer à Fonética, à Morfologia, à Etimologia, à Sintaxe, à Semântica, à Pragmática, à Sociolinguística etc.



### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos o caminho que percorremos para a elaboração desta pesquisa, com vistas a detalhar as etapas para a elaboração da proposta de verbete em DF composto por EI. Para alcançarmos nosso objetivo, foram seguidas as seguintes etapas para execução e organização do trabalho:

- Elaboração de uma base de dados composta por EI zoomórficas do PB;
- Validação das EI zoomórficas na base de dados “*Corpus do Português*”;
- Análise do tratamento dispensado às EI zoomórficas em dicionários escolares monolíngues do PB.
- Elaboração de um modelo de verbete para DF de EI.

#### 3.1 Elaboração de uma base de dados composta por expressões idiomáticas do português brasileiro

A elaboração de uma base de dados composta por EI zoomórficas do PB permitiu- nos fazer um recorte das UF presentes no PB, assim como a realização das demais etapas desta pesquisa, entre elas a análise do tratamento dispensado às EI em dicionários escolares do PB.

- **Seleção das Expressões Idiomáticas do Português Brasileiro para composição da base de dados**

Diante da imensidão fraseológica presente na língua portuguesa, realizamos os seguintes procedimentos para coleta e composição da base de dados:

(i) Coleta de EI zoomórficas em teses, dissertações e artigos que tratam da seara fraseológica. Destacamos o trabalho Riva (2009). A escolha desse trabalho justifica-se pela relevância dos seus resultados no campo dos estudos fraseológicos. A pesquisa de Riva (2009) proporcionou a elaboração de um DFM composto por EI do PB para falantes nativos de português.

(ii) Busca por EI em materiais impressos (jornais e revistas) e na web (reportagens, publicidades, sites, jornais e revistas etc.), considerando esta, segundo Riva (2009, p. 88), “o maior banco de dados disponível no mundo e largamente

difundida e utilizada pela facilidade de acesso e pela amplitude de campos do conhecimento que abrange”.

(iii) Reconhecimento de EI em situações de conversações reais, seguindo a intuição linguística da pesquisadora, como falante nativa de língua portuguesa. A coleta de EI em situações reais justificou-se pelo fato de estas estarem presentes na linguagem cotidiana.

O processo de coleta das EI resultou em um total de 132 UF que possuem em sua composição um nome de animal. Para selecionarmos as EI que compõem a base de dados, aplicamos os seguintes critérios:

1) Ser unidade lexical formada por duas ou mais palavras, sendo que uma delas deve ser nome de animal;

2) Ter graus de convencionalidade e idiomaticidade, conforme Tagnin (1989).

Após a aplicação desses critérios, obtivemos um total de 69 EI. Para validarmos a ocorrência de cada uma dessas EI na língua portuguesa, consultamos o *Corpus* do Português, composto por 1 bilhão de palavras.

#### • **Organização da base de dados**

Na medida em que avaliamos as EI encontradas e identificamos que são convencionais e idiomáticas, compomos uma base de dados. Para organizar as informações que fazem parte da proposta de verbete para um DF, elaboramos fichas lexicográficas. Nessas fichas, registramos os seguintes paradigmas:

1. Entrada: consiste na unidade lexical sobre a qual serão oferecidas informações como definição, exemplos, transcrição fonética etc.;
2. Definição/concepção: expressão explicativa que é atribuída à entrada nos dicionários.
3. Transcrição fonética: diz respeito à pronúncia da palavra-entrada.
4. Variante: maneiras pelas quais a EI pode se manifestar. Exemplo: “colocar/pôr a carroça na frente dos bois” e “colocar/pôr o carro na frente dos bois”.
5. Abonação: realização das EI encontrados em um texto real.

A escolha desses paradigmas deu-se por objetivarmos um dicionário o mais prático e didático possível para falantes não nativos de português.

Figura 5 - Modelo de ficha lexicográfica.

<b>Entrada</b>	Colocar a carroça na frente dos bois.
<b>Transcrição fonética</b>	[kolok'a a kaxos'a na fr'êit[i dus b'ois]
<b>Definição/acepção</b>	1. Modificar a ordem das coisas 2. Antecipar o resultado de algo
<b>Variante(s)</b>	1. Colocar o carro na frente dos bois. 2. Pôr a carroça na frente dos bois. 3. Pôr o carro na frente dos bois.
<b>Abonação</b>	“Não coloco a carroça na frente dos bois”, diz Dilma sobre vice do PMDB.  Fonte: <a href="http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,MUL1469300-5601,00-NAO+COLOCO+A+CARROCA+NA+FRENTE+DOS+BOIS+DIZ+DILMA+Sobre+VICE+DO+PMDB.html">http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,MUL1469300-5601,00-NAO+COLOCO+A+CARROCA+NA+FRENTE+DOS+BOIS+DIZ+DILMA+Sobre+VICE+DO+PMDB.html</a>

Fonte: autora.

### 3.2 Validação das expressões idiomáticas na base de dados “*Corpus do Português*”

Neste momento, contamos com o auxílio da Linguística de *Corpus*, que, segundo Berber Sardinha (2004), estuda e descreve a língua com base em exemplos reais de uso, verificados a partir da exploração de *corpora* eletrônicos, com auxílio e instrumentos computacionais.

- ***Corpus do Português* (BYU)**

Com o propósito de validarmos a realização das EI que compõem a base de dados elaborada neste trabalho, verificamos a realização das 69 EI no *Corpus do Português*. Criado por Mark Davies, professor da Universidade Brigham Young, o *Corpus do Português* faz parte da coleção corpora da Universidade Brigham Young (BYU).

O *Corpus do português* encontra-se disponível online e apresenta duas versões. A primeira versão, criada entre os anos de 2004 e 2006, possui 45 milhões de palavras e permite verificar as mudanças históricas ocorridas na língua, assim como as variações de gênero. A segunda versão, criada nos anos de 2015 e 2016, possui mais de

1 bilhão de palavras, retiradas de páginas da web de quatro países que falam português (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique).

Figura 6 – *Corpus* do português

**o corpus do português**

English **Português**

Criado pelo Professor [Mark Davies, BYU](#). Financiada pelo [National Endowment for the Humanities](#) (2004, 2015). Faz parte da coleção [corpora da BYU](#).

	Corpus	Tamanho	Criado	Mais informação
1	<a href="#">Gênero / Histórico</a>	45 milhões de palavras	2004-06	<a href="#">Info</a>
2	<a href="#">Web / Dialetos</a>	1 <i>bilhão</i> de palavras	<b>2015-16</b>	<a href="#">Info</a>

O Corpus do Português já tem duas partes distintas:

- um corpus (original e menor) que permite ver as mudanças históricas assim como variações de gênero
- um corpus (novo e muito maior) que permite verificar as variações dialéticas (e tem 50 vezes mais dados do português moderno).

Clicar no link [\[Info\]](#) acima para mais detalhes.

Fonte: Corpus do português (BYU).

Neste trabalho, realizamos a verificação da frequência das EI zoomórficas na segunda versão do corpus.

- **Validação das expressões idiomáticas zoomórficas do português brasileiro**

Para muitos falantes, o dicionário é visto como fonte legitimadora do léxico, porém, devido à diversidade linguística e à dinamicidade da língua, não comporta todo o vocabulário de uma língua. Em virtude da impossibilidade de sistematizar todo o léxico de uma língua, Correia (2008) ressalta que os bons dicionários são aqueles que delimitam o léxico que será sistematizado, utilizando como critérios a frequência de uso das unidades lexicais, assim como as necessidades do público para o qual eles serão elaborados. Verificamos, portanto, a frequência de cada uma das 69 EI no *Corpus do Português*.

O quadro abaixo apresenta as EI que compõem a base de dados elaborada neste trabalho e a quantidade de ocorrências, no *corpus* de 1 bilhão de palavras.

Quadro 1 - Validação das expressões idiomáticas na base de dados *Corpus* do Português.

<b>Expressão Idiomática</b>	<b>Ocorrência</b>	<b>Expressão Idiomática</b>	<b>Ocorrência</b>
<i>A vaca foi para o brejo</i>	27	<i>Lobo em pele de cordeiro</i>	138
<i>Abraço de tamanduá</i>	6	<i>Macaco velho</i>	110
<i>Acertar na mosca/ Na mosca</i>	0	<i>Mão de vaca</i>	215
<i>Afogar o ganso</i>	24	<i>Matar cachorro a grito</i>	13
<i>Amarrar cachorro com língua</i>	4	<i>Metido a besta</i>	128
<i>Amigo da onça</i>	20	<i>Nem que a porca torça o rabo</i>	1
<i>Balaio de gato</i>	53	<i>Nem que a vaca tussa</i>	88
<i>Besta-quadrada</i>	6	<i>Ovelha negra</i>	394
<i>Boca de siri</i>	15	<i>Pagar mico</i>	326
<i>Bicho-de sete-cabeças</i>	7	<i>Pagar o pato</i>	285
<i>Boi de piranha</i>	124	<i>Pegar touro à unha</i>	1
<i>Cabra da peste</i>	4	<i>Pensar na morte da bezerra</i>	0
<i>Cada macaco no seu galho</i>	9	<i>Pentear macacos</i>	12
<i>Cair como um patinho</i>	46	<i>Picar a mula</i>	21
<i>Cair do cavalo</i>	0	<i>Pinto molhado</i>	5
<i>Cantar de galo</i>	98	<i>Procurar chifre em cabeça de cavalo</i>	92
<i>Cavalo de batalha</i>	191	<i>Puxar a brasa pra sua sardinha</i>	17
<i>Colocar a carroça/ carro na frente do boi</i>	0	<i>Galinha criar dente</i>	3

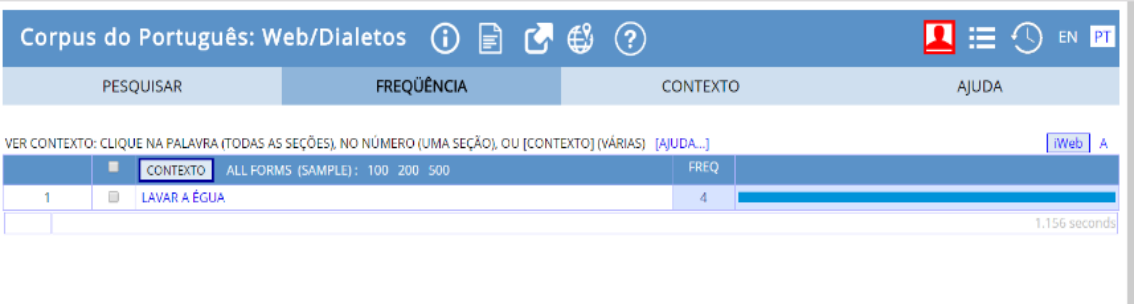
<i>Comprar gato por lebre</i>	105
<i>Contar com o ovo dentro da galinha</i>	0
<i>Cozinhar o galo</i>	10
<i>Dar com burros n'água</i>	47
<i>Dar nome aos bois</i>	0
<i>Dar zebra</i>	29
<i>Dizer cobras e lagartos</i>	14
<i>Engolir sapo</i>	76
<i>Entregue às baratas</i>	16
<i>(Entregue) às moscas</i>	8
<i>Estar com a pulga atrás da orelha</i>	2
<i>(Fazer de) gato-sapato</i>	22
<i>Fazer uma vaquinha</i>	75
<i>Ficar em papos de aranha</i>	1
<i>Galinha dos ovos de ouro</i>	10
<i>Gato pingado</i>	55
<i>História/conversa pra boi dormir</i>	159
<i>Lágrimas de crocodilo</i>	337
<i>Lavar a égua</i>	4

Fonte: autora.

<i>Rato de praia</i>	1
<i>Soltar a franga</i>	51
<i>Soltar os cachorros</i>	46
<i>Tempo das vacas gordas</i>	103
<i>Tempo das vacas magras</i>	22
<i>Ter boi na linha</i>	0
<i>Ter minhocas na cabeça</i>	0
<i>Ter sangue de barata</i>	64
<i>Ter titica de galinha na cabeça</i>	0
<i>Tirar o cavalinho da chuva</i>	1
<i>Vender seu peixe</i>	76
<i>Vender gato por lebre</i>	105
<i>Ver passarinho verde</i>	1
<i>(Viver) como cão e gato</i>	14

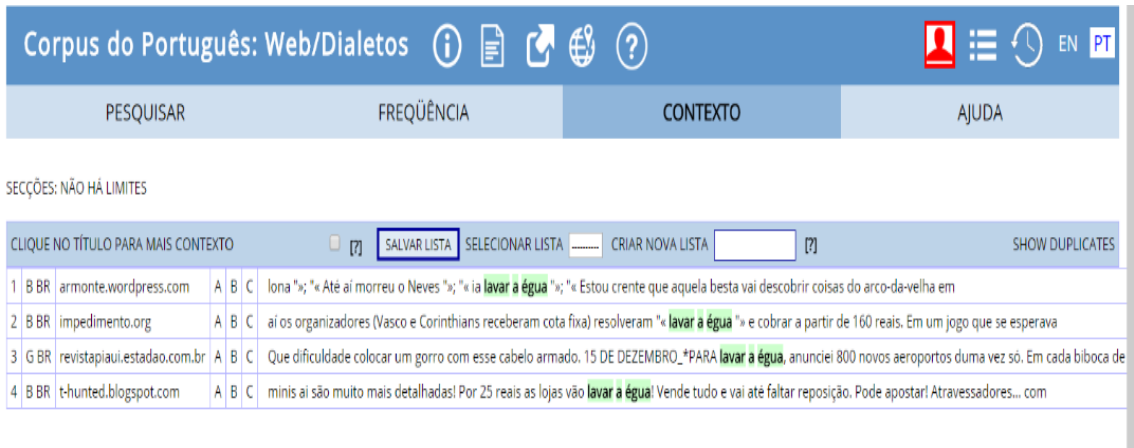
Para alcançarmos o resultado mostrado na tabela acima, a base de dados *Corpus* do Português nos informou a quantidade de ocorrências e o contexto em que as EI estão inseridas. Vejamos nas figuras 7 e 8.

Figura 7 – Corpus do português: frequência das expressões idiomáticas.



Fonte: Corpus do português (BYU).

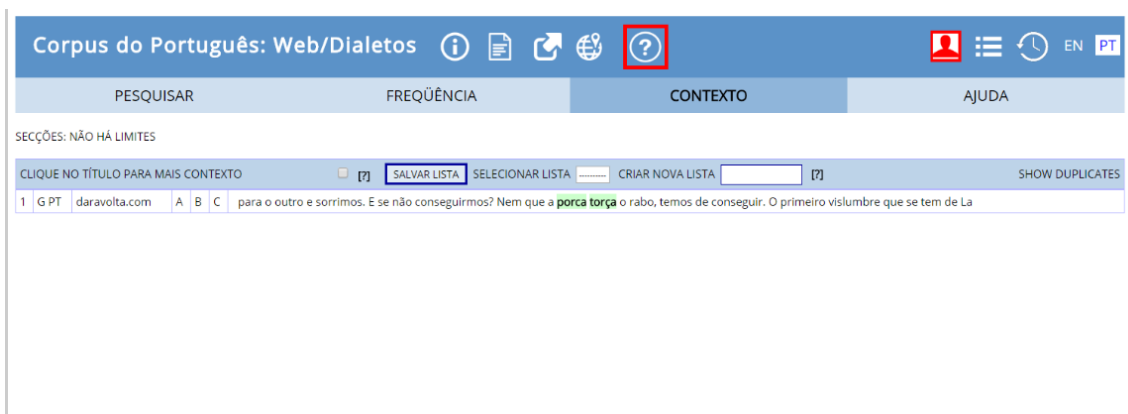
Figura 8 – Corpus do Português: contexto das expressões idiomáticas.



Fonte: Corpus do português (BYU).

Segundo Borba (2003, p. 126), “frequência e uso estão estreitamente relacionados, pois é pelo fato de ser usada que uma palavra tem uma certa frequência”. Porém, a partir da frequência obtida através do corpus on-line “*Corpus do Português*”, pudemos observar que as EI como “acertar na mosca”, “pensar na morte da bezerra”, “cair do cavalo” etc., usadas por falantes brasileiros, não apresentaram uma ou nenhuma ocorrência.

Figura 9 – Frequência da expressão idiomática “nem que a porca torça o rabo”.



Fonte: Corpus do português (BYU).

Cientes da existência dessas EI na língua, fizemos, portanto, uma validação na internet da ocorrência de cada EI que apresentou ocorrência 0 ou 1. Para comprovarmos a presença dessas unidades na língua, colhemos de jornais, revistas, blogs 5 realizações de cada uma dessas EI.

Quadro 2 - Validação das expressões idiomáticas na internet.

Expressão Idiomática	Abonações <sup>1</sup>
Acertar na mosca	1. Focar não é <b>acertar na mosca</b> . Focar é acertar a direção. Fonte: <a href="https://www.pensador.com/frase/MjExMjM2Mw/">https://www.pensador.com/frase/MjExMjM2Mw/</a>
	2. Deve ser bem frustrante <b>acertar na mosca</b> a estratégia pra um jogo desse tamanho e ver a vitória fugir por um erro totalmente evitável. Hoje lembrou o Conte da Euro. Fonte: <a href="https://twitter.com/lbertozzi/status/966064144108662785">https://twitter.com/lbertozzi/status/966064144108662785</a>
	3. Novas Tendências do Geomarketing- Saiba como <b>acertar na mosca</b> usando análise geográfica. Fonte: <a href="http://www.cognatis.com.br/novas-tendencias-do-geomarketing-saiba-como-acertar-na-mosca-usando-analise-geografica/">http://www.cognatis.com.br/novas-tendencias-do-geomarketing-saiba-como-acertar-na-mosca-usando-analise-geografica/</a>
	4. Dar um notebook de presente é <b>acertar na mosca!</b> Fonte: <a href="http://www.folhavoria.com.br/economia/noticia/2011/12/dar-um-notebook-de-presente-e-acertar-na-mosca.html">http://www.folhavoria.com.br/economia/noticia/2011/12/dar-um-notebook-de-presente-e-acertar-na-mosca.html</a>

<sup>1</sup> Textos retirados da internet. Textos idênticos aos originais.



	<p>5. “<b>Acertar na mosca</b>” é o desafio no Campeonato Regional.</p> <p>Fonte: <a href="http://jinews.com.br/noticia/e2809cacertar-na-moscae2809d-e-o-desafio-no-campeonato-regional">http://jinews.com.br/noticia/e2809cacertar-na-moscae2809d-e-o-desafio-no-campeonato-regional</a></p>
<b>Cair do cavalo</b>	<p>1. Não espere <i><b>cair do cavalo</b></i>, tire a sua máscara no dia de hoje, comece uma nova vida, uma vida estruturada na palavra de Deus, uma vida regada pela oração, pela caridade e impulsionados pelo Espírito Missionário.</p> <p>Fonte: <a href="http://evangelizacaoefe.blogspot.com.br/2008/05/preciso-cair-do-cavalo.html">http://evangelizacaoefe.blogspot.com.br/2008/05/preciso-cair-do-cavalo.html</a></p> <p>2. “Doria vai <i><b>cair do cavalo</b></i>”, diz Fernando Brito.</p> <p>Fonte: <a href="https://www.brasil247.com/pt/247/sp247/287068/Doria-radicaliza-sem-perceber-que-a-onda-coxinha-está-em-refluxo.htm">https://www.brasil247.com/pt/247/sp247/287068/Doria-radicaliza-sem-perceber-que-a-onda-coxinha-está-em-refluxo.htm</a></p> <p>3. “Os que pensam que podem derrotar Haddad vão <i><b>cair do cavalo</b></i>. Ele vai ser prefeito outra vez”, diz Lula.</p> <p>Fonte: <a href="http://lula.com.br/os-que-pensam-que-podem-derrotar-haddad-vao-cair-do-cavalo-ele-vai-ser-prefeito-outra-vez-diz-lula">http://lula.com.br/os-que-pensam-que-podem-derrotar-haddad-vao-cair-do-cavalo-ele-vai-ser-prefeito-outra-vez-diz-lula</a></p> <p>4. Depois de cair da mula, Caiado pode <i><b>cair do cavalo</b></i> com Iris: prefeito defende candidatura própria do PMDB ao governo.</p> <p>Fonte: <a href="https://goias24horas.com.br/66294-depois-de-cair-da-mula-caiado-pode-cair-do-cavalo-com-iris-prefeito-defende-candidatura-propria-do-pmdb-ao-governo/">https://goias24horas.com.br/66294-depois-de-cair-da-mula-caiado-pode-cair-do-cavalo-com-iris-prefeito-defende-candidatura-propria-do-pmdb-ao-governo/</a></p> <p>5. Quem vai <i><b>cair do cavalo</b></i> na campanha antecipada?</p> <p>Fonte: <a href="https://www.institutomillennium.org.br/artigos/quem-vai-cair-cavalo-na-campanha-antecipada/">https://www.institutomillennium.org.br/artigos/quem-vai-cair-cavalo-na-campanha-antecipada/</a></p>
<b>Colocar a carroça/ carro na frente do boi</b>	<p>1. “Não <i><b>coloço a carroça na frente dos bois</b></i>”, diz Dilma sobre vice do PMDB.</p> <p>Fonte: <a href="http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL1469300-5601,00-NAO+COLOCO+A+CARROCA+NA+FRENTE+DOS+BOIS+DIZ+DILMA+S+OBRE+VICE+DO+PMDB.html">http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL1469300-5601,00-NAO+COLOCO+A+CARROCA+NA+FRENTE+DOS+BOIS+DIZ+DILMA+S+OBRE+VICE+DO+PMDB.html</a></p> <p>2. André Moura diz que oposição não <i><b>colocará a “carroça na frente dos bois”</b></i>.</p> <p>Fonte: <a href="http://fanfl.com.br/andre-moura-diz-que-oposicao-nao-colocara-a-carroca-na-frente-dos-bois/">http://fanfl.com.br/andre-moura-diz-que-oposicao-nao-colocara-a-carroca-na-frente-dos-bois/</a></p> <p>3. “Assim como apontou o deputado Gabriel Souza (PMDB), o projeto apresenta inconstitucionalidade por vício de origem. Ele pode ser louvável no sentido de que, sim, nós precisamos investir neste tipo de transporte, o hidroviário, tão pouco aproveitado, sobretudo com o potencial que temos no RS. Mas precisamos pensar em como</p>

		iremos fazer isso sem <i>colocar a carroça na frente dos bois</i> ”, falou. <u>Fonte: <a href="http://marcelvanhattem.com.br/wp/precisamos-investir-em-transporte-hidroviario-mas-nao-podemos-colocar-a-carroca-na-frente-dos-bois/">http://marcelvanhattem.com.br/wp/precisamos-investir-em-transporte-hidroviario-mas-nao-podemos-colocar-a-carroca-na-frente-dos-bois/</a></u>
	4.	Privatizar o sistema e comprar tornozeleiras eletrônicas, modernidade fora de hora, não iniciativas que não vão melhorar em nada. Não adiante <i>colocar a carroça na frente dos bois</i> . <u>Fonte: <a href="http://nacampana.com.br/?x=entry:entry170708-205540">http://nacampana.com.br/?x=entry:entry170708-205540</a></u>
	5.	“Nós já fizemos a nossa parte, mas o juiz tem que dar o parecer dele e decidir. Ela está muito ansiosa, quer entrar com pedido de prisão sem saber que já nos manifestamos para pagar. Ela quer <i>colocar a carroça na frente dos bois</i> ”, disse. <u>Fonte: <a href="http://www.purepeople.com.br/noticia/-carroca-na-frente-dos-bois-diz-advogado-de-mauricio-mattar-sobre-prisao_a5072/1">http://www.purepeople.com.br/noticia/-carroca-na-frente-dos-bois-diz-advogado-de-mauricio-mattar-sobre-prisao_a5072/1</a></u>
<b>Contar com o ovo dentro da galinha</b>	1.	Seja internamente ou com seus clientes, todo aquele que almeja ter trabalho por um longo tempo se sustentando sozinho com ele, precisa aprender a não <i>contar com o ovo dentro da galinha</i> , por mais que esteja 99% garantido. <u>Fonte: <a href="http://negociodozero.com.br/nao-conte-com-o-ovo-dentro-da-galinha/">http://negociodozero.com.br/nao-conte-com-o-ovo-dentro-da-galinha/</a></u>
	2.	<i>Contar com o ovo dentro da galinha</i> , não vale. Neste momento todo cuidado é pouco para não se produzir vítimas e mártires. <u>Fonte: <a href="http://www.opantaneiro.com.br/colunistas/post/jogo-politico/1948/">http://www.opantaneiro.com.br/colunistas/post/jogo-politico/1948/</a></u>
	3.	Não custa lembrar que haverá um jogo na altitude e apesar de o adversário não ser dos melhores, deve ser respeitado. <i>Contar com o ovo dentro da galinha</i> é muito perigoso e o próprio fluminense já viveu isso numa copa do brasil. <u>Fonte: <a href="http://tvbrasil.ebc.com.br/esportvisao/post/sem-favoritos-0?page=8">http://tvbrasil.ebc.com.br/esportvisao/post/sem-favoritos-0?page=8</a></u>
	4.	Rapaz, nesta altura do campeonato até o plano C tem que está engatado por que <i>contar com o ovo dentro da galinha</i> , é aquela velha história.... <u>Fonte: <a href="https://twitter.com/i/web/status/959142230375137286">https://twitter.com/i/web/status/959142230375137286</a></u>
	5.	Mas, para as finanças pessoais estas características podem ser prejudiciais, pois podem levá-lo a <i>contar com o ovo dentro da galinha</i> e o ovo não ser como esperava, o que o faz entrar em uma

		<p>crise financeira.</p> <p>Fonte: <a href="https://coaching.com.br/a-crise-financeira-saiba-como-sair-dela/">https://coaching.com.br/a-crise-financeira-saiba-como-sair-dela/</a></p>
<b>Dar nome aos bois</b>	1.	<p>Sobre essa discussão que envolveu o blogueiro da Globo Noblat e o Paulo Henrique Amorim, não me meto – ambos têm tamanho suficiente para resolver qualquer problema entre si. Contudo, o blogueiro global passa dos limites e se entrega à mais deslavada leviandade ao fazer acusações a “blogueiros de aluguel” que dele divergem, porém sem <i>dar nome aos bois</i>.</p> <p>Fonte: <a href="https://blogdacidadania.com.br/2010/05/de-nome-aos-bois-noblat/">https://blogdacidadania.com.br/2010/05/de-nome-aos-bois-noblat/</a></p>
	2.	<p>“É polêmico <i>dar nome aos bois</i>”, mas é nossa luta’, diz membro de banda censurada na TV Cultura.</p> <p>Fonte: <a href="https://revistacult.uol.com.br/home/banda-alafia-censura-tv-cultura/">https://revistacult.uol.com.br/home/banda-alafia-censura-tv-cultura/</a></p>
	3.	<p>Para a cientista política Lucia Hippolito, o discurso do presidente, “palanqueiro”, carece de esclarecimento. “O presidente da República não pode pronunciar uma frase dessa com sujeito oculto. Quem estaria pressionando? Está na hora de começar a crescer e <i>dar nome aos bois</i>. Senão vamos ficar eternamente numa chuva de denúncias”, disse a colunista do UOL News.</p> <p>Fonte: <a href="https://noticias.uol.com.br/uolnews/brasil/entrevistas/2005/06/21/ult2614u185.jhtm">https://noticias.uol.com.br/uolnews/brasil/entrevistas/2005/06/21/ult2614u185.jhtm</a></p>
	4.	<p>“<i>Dar nome aos bois</i>”: Pezão vai ao STF para que ministro da Justiça explique polêmica.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.ultimahoraneews.com.br/geral/2017/11/9893/dar-nome-aos-bois-peza-o-vai-ao-stf-para-que-ministro-da-j.html">http://www.ultimahoraneews.com.br/geral/2017/11/9893/dar-nome-aos-bois-peza-o-vai-ao-stf-para-que-ministro-da-j.html</a></p>
	5.	<p>Seria a resposta para não se <i>dar nomes aos bois</i> nessa reportagem o fato de que uma das empresas patrocinadoras da revista ser uma empresa multinacional de alimentos? Mesmo e apesar disso a reportagem é de muita coragem, mas para você não ter dúvidas as empresas são as seguintes: Burger King, Adams, Coca-cola, General Mills, Hersheys, Kellog, Kraft, Mars, Mc Donald’s, PepsiCo e Unilever.</p> <p>Fonte: <a href="http://scienceblogs.com.br/ecodesenvolvimento/2008/11/quem-tem-medo-de-dar-nome-aos-bois/">http://scienceblogs.com.br/ecodesenvolvimento/2008/11/quem-tem-medo-de-dar-nome-aos-bois/</a></p>
<b>Ficar/botar em papos de</b>	1.	<p>Ela está devendo e vai <i>ficar em papos de aranha</i> quando a deflação detonar os empregos nos serviços, o preço do Martini a US\$35.00 é</p>

aranha		<p>manchete na The Economist, é morte anunciada.</p> <p>Fonte: <a href="https://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/os-empregos-perdidos-para-os-importados">https://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/os-empregos-perdidos-para-os-importados</a></p>
	2.	<p>Catarinense nascido em 1904, o avô Luiz Gallotti foi nomeado ministro do STF em setembro de 1949 por decreto assinado pelo presidente Eurico Gaspar Dutra, em cujo governo os cassinos haviam sido proibidos. Diante disso, em Lambari o ministro Gallotti vivia em palpos de aranha, o que era e continua sendo muito melhor do que <i>ficar em papos de aranha</i>.</p> <p>Fonte: <a href="http://beneviani.blogspot.com.br/2014_10_10_archive.html">http://beneviani.blogspot.com.br/2014_10_10_archive.html</a></p>
	3.	<p>Mas, enquanto o Brasil não entra nos trilhos do crescimento..., não prometa doce a uma criança sob pena de <i>ficar em “papos de aranha”</i> se a promessa não for cumprida.</p> <p>Fonte: <a href="http://blogdosped.blogspot.com.br/2014/12/explicar-o-obvio-e-mais-facil.html">http://blogdosped.blogspot.com.br/2014/12/explicar-o-obvio-e-mais-facil.html</a></p>
	4.	<p>Sobre recente postagem do Blog intitulada ‘CURUCA À VISTA’, onde dissemos que um projeto do Executivo relacionado ao imóvel da antiga rodoviária poderia dar muito pano ‘prá manga’ e tanto os condôminos quanto o Executivo poderiam <i>ficar em papos de aranha</i>, verificamos que trata-se do projeto que visa desafetar parte da Praça Raposo Tavares para doação à pessoa jurídica, o qual, em seu Artigo 1º (...)</p> <p>Fonte: <a href="http://laurobarbosa.com/?p=53883">http://laurobarbosa.com/?p=53883</a></p>
	5.	<p>Nestes anos todos, com fama de esculhambador-mor da República, andei <i>botando A Granja em palpos de aranha</i>, o que é bem melhor do que ficar em papos de aranha. Quando chega ao papo, isto é, ao estômago da aranha, a situação é irremediável, mas quando ainda está em palpos de aranha a vítima pode ter esperança de escapar, considerando que os palpos são apêndices sensoriais das cabeças de certos artrópodes.</p> <p>Fonte: <a href="http://edcentaurus.com.br/agranja/edicao/713/materia/1420">http://edcentaurus.com.br/agranja/edicao/713/materia/1420</a></p>
Nem que a porca torça o rabo	1.	<p>Quanto ao PT, o partido faz a linha não-tô-nem-aí. Certos de que a harmonia entre os governos federal, estadual e municipal será o mote da campanha, petistas duvidam que o posto de vice será de</p>

	<p>outro partido. Não vai acontecer “<i>nem que a porca torça o rabo</i>”, opina o secretário estadual de Meio Ambiente, Carlos Minc (PT), que é opção para Paes.</p> <p>Fonte: <a href="http://molon.com.br/patricia-amorim-o-flerte-da-vez-do-pmdb-no-rio/">http://molon.com.br/patricia-amorim-o-flerte-da-vez-do-pmdb-no-rio/</a></p>
	<p>2. Futebol brasileiro parece enjaulado, não muda <i>nem que a porca torça o rabo</i>, na Europa sempre há novidades em seus campeonatos, novidades até na abertura das competições, aqui não.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.otempo.com.br/opinião/chico-maia/dinheiro-farsa-e-futebol-1.1020080">http://www.otempo.com.br/opinião/chico-maia/dinheiro-farsa-e-futebol-1.1020080</a></p>
	<p>3. Em Fortaleza, esse pode ser o caminho do tucano Tasso Jereissati”. Parece que Otávio realmente não conhece do que escreve sobre a política em Fortaleza. Jereissati para vereador? <i>Nem que a porca torça o rabo</i>, nunquinha, fora de propósito. Errou novamente.</p> <p><a href="https://www.oestadoce.com.br/ceara/em-defesa-do-servico-publico-de-qualidade">https://www.oestadoce.com.br/ceara/em-defesa-do-servico-publico-de-qualidade</a></p>
	<p>4. (...)O novo governo deve acionar estes débitos judicialmente. Não são de usuários pequenos não, tem grande usuários que não pagam <i>nem que a porca torça o rabo</i>...</p> <p>Fonte: <a href="http://www.infonet.com.br/blogs/clauidionunes/ler.asp?id=53944&amp;titulo=clauidionunes">http://www.infonet.com.br/blogs/clauidionunes/ler.asp?id=53944&amp;titulo=clauidionunes</a></p>
	<p>5. Inicia-se agora a série dos fregueses de carteirinha. Aqueles que não vencem nem por reza brava, <i>nem que a porca torça o rabo</i>, nem que chova canivete, nem com praga de cigano, nem que a vaca tussa, nem que o sapo grite, nem pintado de ouro, nem com o jacaré bebendo água e outras variações linguísticas.</p> <p>Fonte: <a href="http://deusesdofutebol.blogspot.com.br/2007/03/da-srie-fregueses-de-carteirinha-inter.html">http://deusesdofutebol.blogspot.com.br/2007/03/da-srie-fregueses-de-carteirinha-inter.html</a></p>
<b>Pegar touro à unha</b>	<p>1. “Vossa Excelência tem uma personalidade produtiva, incansável. De quem veste a camisa e tem a característica da agressividade profissional. Mais do que <b>pegar touro à unha</b>, Vossa Excelência pega relâmpago em pelo”, destacou Ayres Britto.</p> <p>Fonte: <a href="http://g1.globo.com/politica/noticia/2012/09/eliana-calmon-se-despede-dizendo-que-foi-durissima-como-corregedora.html">http://g1.globo.com/politica/noticia/2012/09/eliana-calmon-se-despede-dizendo-que-foi-durissima-como-corregedora.html</a></p>
	<p>2. Concorde com um ex-amigo, para quem Dunga só foi mal na seleção porque, na verdade, fpi bem, mas não paparicou a TV Globo, embora também tenha ido mal, ao paparicar o Felipe Mello.</p>

	<p>Na seleção ele demonstrou não saber <i>pegar touro à unha</i>, mas em um clube o máximo que ele tem é uma vaquinha louca, dá para segurar.</p> <p>Fonte: <a href="http://miltonribeiro.sul21.com.br/2013/03/11/dunga-e-um-tecnico-de-futebol/">http://miltonribeiro.sul21.com.br/2013/03/11/dunga-e-um-tecnico-de-futebol/</a></p>
	<p>3. Logo o senhor que está acostumado a <i>pegar touro à unha</i>...não conseguiu resolver este problema ? ao contrário, o problema só piorou.</p> <p>Fonte: <a href="http://arquivo.blogdoadilson.net/itaperuna-secretario-de-saude-divulga-nota-explicando-atraso-de-pagamento/">http://arquivo.blogdoadilson.net/itaperuna-secretario-de-saude-divulga-nota-explicando-atraso-de-pagamento/</a></p>
	<p>4. Brasil recusou convite para enfrentar seleção da Catalunha, treinada por Cruyff. Faz sentido. Mano Menezes não é nenhum Dominguin pra <i>pegar touro à unha</i>.</p> <p>Fonte: <a href="http://liberdadeexpressaovirtual.blogspot.com.br/2010/08/">http://liberdadeexpressaovirtual.blogspot.com.br/2010/08/</a></p>
	<p>5. Chamo isso de <i>pegar touro à unha</i>.</p> <p>Fonte: <a href="https://incrivel.club/inspiracao-criancas/20-travessuras-que-provam-que-ter-filhos-e-divertido-3755/">https://incrivel.club/inspiracao-criancas/20-travessuras-que-provam-que-ter-filhos-e-divertido-3755/</a></p>
Pensar na morte da bezerra	<p>1. <b><i>Pensando muito na morte da bezerra?</i></b> Descubra os 4 passos para melhorar sua concentração nos estudos.</p> <p>Fonte: <a href="https://concurseiradeterminada.jusbrasil.com.br/noticias/225098724/pensando-muito-na-morte-da-bezerra-descubra-os-4-passos-para-melhorar-sua-concentracao-nos-estudos">https://concurseiradeterminada.jusbrasil.com.br/noticias/225098724/pensando-muito-na-morte-da-bezerra-descubra-os-4-passos-para-melhorar-sua-concentracao-nos-estudos</a></p>
	<p>2. Realmente um herói, infelizmente são pessoas como ele que recebem o descaso do nosso governo, onde vereadores ganham um reajuste salarial de quase 100% para sentar na cadeira e <i>pensar na morte da bezerra</i> e terem um café da manhã de rei, enquanto heróis como esse policial e muitos outros arriscam a vida por um salário ridículo e que foi reajustado de acordo com a vontade do governo... (menos de 10%), onde está a justiça nisso? (...)</p> <p>Fonte: <a href="https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/sinpol-diz-que-investigador-morto-atuou-em-acao-que-deveria-ter-10-policiais">https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/sinpol-diz-que-investigador-morto-atuou-em-acao-que-deveria-ter-10-policiais</a></p>
	<p>3. Igreja antiga mas bem conservada. A comunidade local cuida muito bem. O Padre é educado e solícito. Se quer um local para pensar na "<i>morte da bezerra</i>" vá nos intervalos das missas. Se quer rezar não perca as missas.</p> <p>Fonte: <a href="https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303633-d7238594-r553829284-Igreja_Exaltacao_da_Santa_Cruz_Matriz-">https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303633-d7238594-r553829284-Igreja_Exaltacao_da_Santa_Cruz_Matriz-</a></p>

	<p><a href="#">Ubatuba_State_of_Sao_Paulo.html</a></p> <p>4. No meu entender Lula se preocupou mais em roubar o país, infelizmente a casa caiu e tera 12 anos para <i>pensar na morte da bezerra</i>.....</p> <p>Fonte: <a href="https://www.esmaelmorais.com.br/2018/01/quem-tem-medo-de-lula-2/">https://www.esmaelmorais.com.br/2018/01/quem-tem-medo-de-lula-2/</a></p>
	<p>5. Conversar enquanto se dirige ou pensar em qual restaurante ir almoçar são distrações pequenas que podem causar um acidente de trânsito. A <a href="#">tecnologia Mind Sense</a> (em inglês) promete ler a mente do condutor e lembrá-lo de prestar atenção no transito e parar de <i>pensar na morte da bezerra</i>.</p> <p>Fonte: <a href="https://www.bidu.com.br/seguro-auto/novas-tecnologias-para-carros/">https://www.bidu.com.br/seguro-auto/novas-tecnologias-para-carros/</a></p>
<b>Rato de praia</b>	<p>1. E o “<i>Rato de Praia</i>” Renato Gaúcho segue detonando</p> <p>Fonte: <a href="http://hojeemdia.com.br/opini%C3%A3o/colunas/alexandre-sim%C3%B5es-1.453838/e-o-rato-de-praia-renato-ga%C3%BAcho-segue-detonando-1.552418">http://hojeemdia.com.br/opini%C3%A3o/colunas/alexandre-sim%C3%B5es-1.453838/e-o-rato-de-praia-renato-ga%C3%BAcho-segue-detonando-1.552418</a></p> <p>2. “<i>Rato de praia</i>” pega onda e elimina Gustavo no mar.</p> <p>Fonte: <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/1/08/esporte/25.html">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/1/08/esporte/25.html</a></p> <p>3. Aos dois anos, Dom já é <i>rato de praia</i>. Veja as melhores fotos do filho de Luana Piovani e Pedro Scooby</p> <p>Fonte: <a href="http://entretenimento.r7.com/mulher/casa-e-familia/fotos/aos-dois-anos-dom-ja-e-rato-de-praia-veja-as-melhores-fotos-do-filho-de-luana-piovani-e-pedro-scooby-11112014#!/foto/1">http://entretenimento.r7.com/mulher/casa-e-familia/fotos/aos-dois-anos-dom-ja-e-rato-de-praia-veja-as-melhores-fotos-do-filho-de-luana-piovani-e-pedro-scooby-11112014#!/foto/1</a></p> <p>4. A preocupação com o sol, a consciência ecológica, o banho de mar só até a canela (e sempre de olho numa possível barbatana por perto). Todos elementos novos que, com o biquíni ou a sunga, vão às areias com os <i>ratos de praia</i>. Fazem parte do kit verão do banhista do século 21.</p> <p>Fonte: <a href="http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/suplementos/arrecifes/noticia/2012/12/01/ratos-de-praia-do-seculo-21-65320.php">http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/suplementos/arrecifes/noticia/2012/12/01/ratos-de-praia-do-seculo-21-65320.php</a></p> <p>5. “Fui <i>rato de praia</i> de 1959 até 1967. Jogava na rede de <i>seu</i> Thomás, quase em frente à Joaquim Nabuco, no Posto Seis, frequentada pela Tia Leah, que depois da morte de <i>seu</i> Thomás criou a sua própria rede, armada mais pra perto da Francisco de Sá. (...)”</p> <p>Fonte: <a href="http://www.procrie.com.br/2010/02/15/volei-de-praia-origem-i-716">http://www.procrie.com.br/2010/02/15/volei-de-praia-origem-i-716</a></p>
<b>Ter boi na</b>	<p>1. (...) Quem é que não quer? Político nenhum quer campanha suja”,</p>

linha	<p>disparou e complementou afirmando estranhar tanta repetição. “Pode <b>ter boi na linha</b>”. Tem coisa estranha aí”, refletiu.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.blogdomagno.com.br/ver_post.php?id=65258">http://www.blogdomagno.com.br/ver_post.php?id=65258</a></p> <p>2. Por isso é bom que a Secretaria de Política Agrícola do MAPA veja com cuidado a consistência dos argumentos contra a implantação do PROP para o leite, pois pode <b>ter "boi na linha"</b> e acontecer um desastre que poderia ser evitado.</p> <p>Fonte: <a href="https://www.milkpoint.com.br/artigos/espaco-aberto/prop-para-o-leite-ou-aumento-do-consumo-de-lacteos-tem-boi-na-linha-31540n.aspx">https://www.milkpoint.com.br/artigos/espaco-aberto/prop-para-o-leite-ou-aumento-do-consumo-de-lacteos-tem-boi-na-linha-31540n.aspx</a></p> <p>3. Deve <b>ter boi na linha</b>.....e muito descaramento.... os tempos são outros .....roseana esquece o osso.....</p> <p>Fonte: <a href="http://oimparcialblog.com.br/klamt/2017/12/05/pesquisa-estranha-generosidade/">http://oimparcialblog.com.br/klamt/2017/12/05/pesquisa-estranha-generosidade/</a></p> <p>4. Repito para não deixar dúvidas: aos infratores, sejam corruptores ou corrompidos, aplique-se os rigores da lei. Respeito ao consumidor é cláusula pétrea e não se discute. Mas alguém duvida que <b>tem boi na linha</b>?</p> <p>Fonte: <a href="http://dc.clicrbs.com.br/sc/colunistas/rafael-martini/noticia/2017/03/a-carne-e-fraca-ou-tem-boi-na-linha-9752337.html">http://dc.clicrbs.com.br/sc/colunistas/rafael-martini/noticia/2017/03/a-carne-e-fraca-ou-tem-boi-na-linha-9752337.html</a></p> <p>5. Eu posso até está enganado, mas tenho uma ligeira impressão que esta empresa que está prestes a assumir o transpote coletivo da cidade, tem alguém muito influente de um certo grupo político da cidade, talvez até do grupo que tá no poder. o intresse da gestão para que a empresa assuma, é muito grande. nunca vi tanta bajulação,tanto interesse,tanta facilidade oferecida para tal empresa. só pode <b>ter boi na linha</b>.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.pa4.com.br/noticias/luiz-deus-volte-e-bote-moral-em-sua-radio-dispara-vereador-mario-galinho">http://www.pa4.com.br/noticias/luiz-deus-volte-e-bote-moral-em-sua-radio-dispara-vereador-mario-galinho</a></p>
Ter minhocas na cabeça	<p>1. Sinceramente, eu não sei o que se passa na cabeça desses jovens. Parecem <b>ter "minhocas na cabeça"</b>. Vivem falando sem pensar, agindo sem pensar. Cada dia, me convenço que alguns realmente não <span style="float: right;">pensam!</span></p> <p>Fonte: <a href="http://pramuitagente.blogspot.com.br/2010/11/minhocas-na-cabeca.html">http://pramuitagente.blogspot.com.br/2010/11/minhocas-na-cabeca.html</a></p> <p>2. Se o Mika não tivesse jogado, encontravas "minhocas" na mesma, como encontras em todo o lado. É o que dá <b>ter minhocas na</b></p>



		<p><b><i>cabeça.</i></b></p> <p>Não procures ajuda não. Quando deres por ti hás-de andar a ver indícios da corrupção do Benfica nas borras do café e no ralo da banheira.</p> <p>Fonte: <a href="https://www.zerozero.pt/noticia.php?id=180384&amp;redirm=1">https://www.zerozero.pt/noticia.php?id=180384&amp;redirm=1</a></p>
	3.	<p>A minha barriga é pequena e a minha filha é grande, não perguntem como, também não sei, na última eco (4ª eco para controlo do crescimento) ela estava com a carinha tão junto à placenta que dava ideia que estava a mamar, e desde aí que não me sai da cabeça que a menina não tem espaço e cada vez que penso na porcaria da cesariana é inevitável pensar que podem cortar a minha menina. Gostava tanto de ser uma pessoa descontraída, de estar a usufruir da gravidez em pleno, de não <b><i>ter minhocas na cabeça</i></b> e não consigo.</p> <p>Fonte: <a href="https://demaeparamae.pt/forum/cesariana-pavor">https://demaeparamae.pt/forum/cesariana-pavor</a></p>
	4.	<p>Medusa foi demitida das negociações da Grécia com a Europa por <b><i>ter minhocas na cabeça.</i></b></p> <p>Fonte: <a href="https://visaoangular.wordpress.com/tag/crise-na-grecia/">https://visaoangular.wordpress.com/tag/crise-na-grecia/</a></p>
	5.	<p>Aff! Esse povo deve <b><i>ter minhocas na cabeça</i></b>! não tem mais o que falar. Aposto que é rumor, e se não for, a Miley nem deve ter visto a tal de “Jeen“. E se ela fosse fã mesmo, teria gritado pra Miley pedindo um autografo ou pedindo pra tirar uma foto. Concordam comigo? Comente sobre o assunto.</p> <p>Fonte: <a href="https://mrcyrus.wordpress.com/category/noticias/page/26/">https://mrcyrus.wordpress.com/category/noticias/page/26/</a></p>
<b>Ter titica de galinha na cabeça</b>	1.	<p>Minha mae <b><i>tem titica de galinha na cabeça</i></b> só pode.</p> <p>Fonte: <a href="https://twitter.com/Julianobrgs/status/910940800867078146">https://twitter.com/Julianobrgs/status/910940800867078146</a></p>
	2.	<p>A saída para debelar a crise está errada. Quem fez a cabeça de Dilma <b><i>tem titica de galinha na cabeça.</i></b></p> <p>Fonte: <a href="http://paduacampos.com.br/2012/2013/07/03/ponto-de-vista-titica-de-galinha/">http://paduacampos.com.br/2012/2013/07/03/ponto-de-vista-titica-de-galinha/</a></p>
	3.	<p>Vascaino quando diz "nós temos estadio" é pq <b><i>tem titica de galinha na cabeça</i></b> ao inves do cerebro - Gato Rabugento</p> <p>Fonte: <a href="http://geradormemes.com/meme/n1x0bc">http://geradormemes.com/meme/n1x0bc</a></p>
	4.	<p>Se tem menos de 18 anos, é um bobalhão com <b><i>titica de galinha na</i></b></p>

	<p><b>cabeça.</b> Na sua infinita idiotice, acredita que seduzirá as meninas caso roube o carro do pai ou – pior! – roube qualquer carro a fim de voar pelas avenidas.</p> <p>Fonte: <a href="http://revistadonna.clicrbs.com.br/coluna/martha-medeiros-2/">http://revistadonna.clicrbs.com.br/coluna/martha-medeiros-2/</a></p>
5.	<p>Tem o meu voto. De todos os candidatos a senador Zé Reinaldo é o melhor para representar com dignidade o Maranhão, mas como esse governador <b>tem títica de galinha na cabeça</b> a preferência dele é o Waldir Maranhão. Kkkkkkkk</p> <p>Fonte: <a href="http://gilbertoleda.com.br/2018/01/20/senado-tremenda-injustica-diz-braide-sobre-situacao-de-ze-reinaldo/">http://gilbertoleda.com.br/2018/01/20/senado-tremenda-injustica-diz-braide-sobre-situacao-de-ze-reinaldo/</a></p>

Fonte: autora.

### 3.3 Tratamento lexicográfico dispensado às expressões idiomáticas em dicionários escolares do português brasileiro.

Neste momento, sob a luz dos pressupostos da LP, fizemos uma análise do tratamento lexicográfico dispensado às EI em dicionários escolares do PB. Justificamos a análise nessas obras por acreditarmos que, muitas vezes, na ausência de DFM para estudantes de PLE, os dicionários escolares são usados por estudantes estrangeiros, a fim de sanar dúvidas quanto ao significado e à pronúncia das UF do PB.

Neste momento, examinamos o modo como as EI são tratadas e como se configuram na composição dos verbetes, observando se o *corpus* foi contemplado em dois dicionários escolares e impressos do português. Os dicionários analisados foram: *O pequeno dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2015) e *o Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2010).

O *Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa* conta com mais de 30 mil verbetes e *O pequeno dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* apresenta mais de 32 mil verbetes. A escolha de tais dicionários justifica-se pelo fato de eles serem considerados representativos da cultura lexicográfica brasileira.

Para realizarmos a análise lexicográfica das EI concebemos a definição de microestrutura como “um conjunto de paradigmas (ou informações) ordenados e estruturados, dispostos horizontalmente, ou seja, linearmente, após a entrada, dentro de cada verbe” (PONTES, 2009, p. 95). Esta comporta paradigmas que nem sempre são obrigatórios, ou seja, aparecem de acordo com o objetivo da obra. Como o público-alvo

de nosso trabalho são falantes não nativos de língua portuguesa consideramos importante analisar nos verbetes dos dicionários as seguintes informações:

- A localização da EI (a entrada do verbete no qual está localizada a EI);
- Transcrição fonética;
- Os exemplos e abonações.

### 3.4 Elaboração de verbete para dicionários fraseológicos

A partir dos pressupostos da Fraseografia e da análise das necessidades linguísticas de aprendizes de PLE, elaboramos uma proposta de verbete para compor DF de EIs do PB. A seguir, mostramos um exemplo. Toda a elaboração será discutida em um capítulo posterior.

Figura 10 – Proposta de verbete para dicionário de expressões idiomáticas.

**COLOCAR A CARROÇA NA FRENTE DOS BOIS** [kolok'a a kaxos'a na fr'ẽjtʃi dus b'ojs] 1. Modificar a ordem das coisas 2. Antecipar o resultado de algo. ► “Não *coloco a carroça na frente dos bois*”, diz Dilma sobre vice do PMDB. Fonte [http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0\\_MUL14693005601,00\\_AO+COLOCO+A+C+ARROCA+NA+FRENTE+DOS+BOIS+DIZ+DILMA+SOBRE+VICE+DO+PMDB.html](http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0_MUL14693005601,00_AO+COLOCO+A+C+ARROCA+NA+FRENTE+DOS+BOIS+DIZ+DILMA+SOBRE+VICE+DO+PMDB.html)

- Colocar o carro na frente dos bois / Pôr a carroça na frente dos bois/ Pôr o carro na frente dos bois.

Fonte: autora.

#### 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Por termos como objetivo principal de nossa pesquisa a elaboração de uma proposta de verbete para DFMPB composto por EI, tivemos que nos aprofundar tanto nas teorias metalexigráficas quanto nas teorias fraseológicas e, conseqüentemente, nas teorias fraseográficas. Entre as diferentes etapas deste trabalho, destacamos o primeiro momento, no qual nos dedicamos a conhecer o conceito de Fraseologia e a compreendermos os diversos aspectos do seu objeto de estudo, as UFs. Para isso, nos detemos aos conceitos e às características de cada um dos elementos que delas fazem da parte.

Durante esta pesquisa, deparamo-nos com diferentes estudos que possuem as UF como objeto de trabalho, o que nos possibilitou perceber os diferentes ângulos sob os quais as UF são trabalhadas. Como exemplo desses trabalhos, podemos citar a preocupação no ensino das UF em aulas de LM e LE nos mais diferentes aspectos, como na elaboração de material didático, no estabelecimento de procedimentos metodológicos em sala de aula, na tradução etc. A partir de uma visão mais ampla desta pesquisa, podemos situá-la dentro dos estudos que buscam contribuir com a elaboração de materiais didáticos para o ensino das UF para falantes estrangeiros, especificamente, para falantes não lusófonos.

Fundamentadas na experiência de ensino de PLE e com base nos estudos de Carvalho (2011) e Pontes (2011), detectamos lacunas no tratamento das UF tanto nos livros didáticos de PLE quanto nos DM e DB de português. Carvalho (2011), ao analisar o tratamento dispensado às UF (fórmulas de rotina, colocações, provérbios e EI) em 9 livros de PLE, constatou que as UF estão presentes de forma assistemática e superficial nos livros didáticos, o que pode não colaborar para um aprendizado satisfatório dessas unidades. A autora concluiu que as fórmulas de rotina são as mais contempladas, principalmente, nos livros de nível básico. No que diz respeito aos dicionários, em especial aos dicionários escolares, Pontes (2011, p. 130) revela que “é comum encontrar produtos lexicográficos que não incorporam em sua composição, com uma frequência significativa, unidades fraseológicas (UF), ou que delas tratam de forma inadequada em obras que se definem produtivas, como, por exemplo, dicionários escolares”.

Diante do objetivo geral desta pesquisa, acreditamos ser necessário conhecermos o tratamento lexicográfico dispensado às UF nos dicionários escolares. Uma vez impossibilitadas de analisar DFMPB para falantes não nativos, devido à

ausência desse tipo de material, nossa análise deu-se, portanto, nos dicionários escolares. Essa escolha justifica-se pelo fato de que muitos estudantes estrangeiros, na ausência de DFM, recorrerem a dicionários para falantes nativos por acreditarem que estas obras tratem de forma satisfatória todos os elementos da língua.

A análise apresentada neste capítulo (APÊNDICE B) buscou identificar os seguintes elementos: a partir de qual elemento se dá a localização da EI nos dicionários, se há transcrição fonética e abonação das EI no verbete. Nossa análise centrou-se nesses elementos, por acreditarmos que estes podem auxiliar os consulentes na compreensão e emprego das UF.

#### **4.1 Análise do tratamento lexicográfico dispensado às expressões idiomáticas em dicionários escolares do português brasileiro**

Segundo Santiago (2012, p. 2), o dicionário

é uma obra metalinguística que se destina à consulta, pois é o lugar de registro e legitimação das unidades que compõem o léxico. Os estudos lexicográficos o classificam ainda como uma obra mais comumente organizada em ordem alfabética, por razões estruturais e de consulta, que retrata além de informações gramaticais, semânticas e pragmáticas, conhecimentos culturais referentes à língua em que ele está inserido através das unidades lexicais que o compõem (SANTIAGO, 2012, p. 2).

No contexto de ensino de UF em aulas de LE, os dicionários podem ser instrumentos que legitimam a ocorrência das UF na língua. Nesse sentido, vários tipos de estudos são realizados a fim de conhecer melhor a organização dos dicionários e, dessa forma, identificar o tratamento lexicográfico dispensado às UF. Nossa análise consistiu na busca de identificar as lacunas no tratamento lexicográfico dispensado às UF nos dicionários escolares, a fim de propor um modelo de verbete para compor um DFMPB composto por EI.

Para delimitarmos nossa análise, elaboramos no início deste trabalho, uma base de dados com EI zoomórficas pertencentes à língua portuguesa. Nosso trabalho consistiu, portanto, na análise de 69 EI nos dicionários Houaiss e Aurélio. Dessas 69 EI, apenas 24 EI estão presentes no dicionário Houaiss e 8 no dicionário Aurélio.

Tabela 1 – Resultado da análise nos dicionários Houaiss e Aurélio.

	Dicionário Houaiss	Dicionário Aurélio
EI dicionarizada	24	8
EI não dicionarizada	46	61
Total de EI	69	69

Fonte: autora.

- **Dicionário Houaiss**

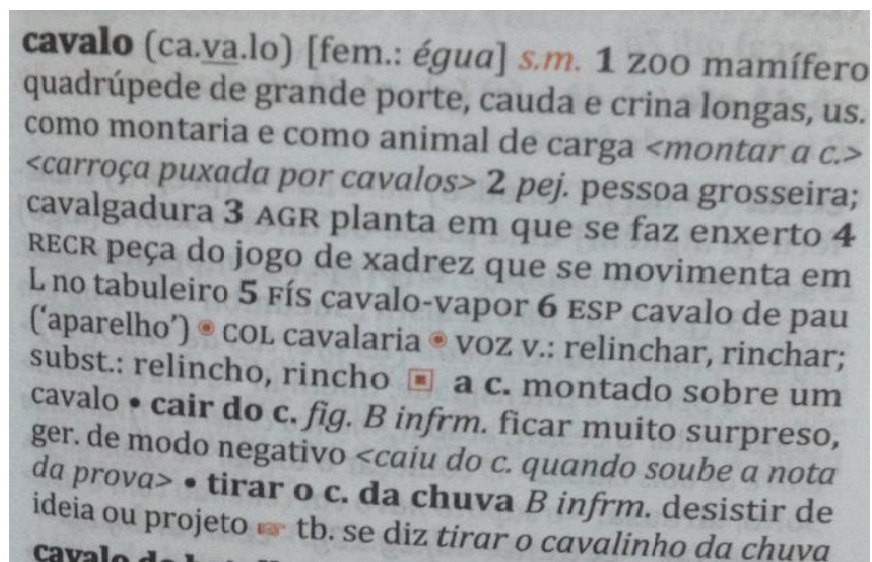
Para a análise das EI presentes nos dicionários *Houaiss* e *Aurélio*, detemo-nos primeiramente às orientações introdutórias de cada obra. Em seguida, verificamos como se dá a localização das EI na macroestrutura e, por fim, analisamos os paradigmas presentes no verbete em que as EI estão presentes.

No dicionário Houaiss, as informações concernentes à localização das UFs encontram-se logo após a introdução, na seção “Para entender o dicionário”. A seção faz referência às locuções e às frases feitas, ou seja, aos fraseologismos. A obra orienta o consulente da seguinte maneira:

Na estrutura do verbete, o campo dos sintagmas locucionais e das chamadas frases feitas segue-se ao campo geral das definições. Nele, registram-se as combinações da unidade léxica que é cabeça do verbete com outra ou outras palavras. Este símbolo dá-lhe entrada. As locuções vêm separadas por um ponto quando mais de uma existir nesse campo; o mesmo quanto à fraseologia (HOUAISS, 2015, p. XVII).

Assim como é exposto na introdução do dicionário, as EI possuem em sua estrutura a palavra-entrada do verbete que se relaciona com outros elementos compondo as UF. No exemplo abaixo, a palavra-entrada do verbete, “cavalo”, é parte integrante de EI, entre elas “a cavalo”, não idiomática, “cair do cavalo” e “tirar o cavalinho da chuva”, que são idiomáticas. A presença dessas EI na estrutura do verbete é marcada pelo sinal gráfico

Figura 11 – Verbetes do dicionário Houaiss: cavalo

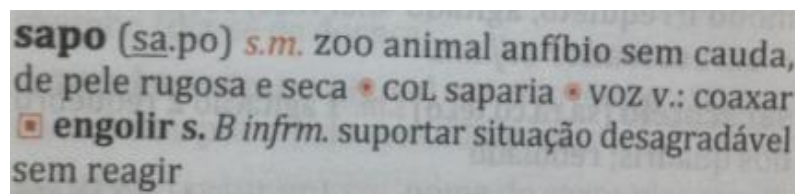


Fonte: Dicionário Houaiss, 2015.

#### ➤ Lemas (palavra-entrada)

No dicionário *Houaiss*, constatamos que as EIs são, em grande maioria, subentradas de um dos elementos que as compõem. Das 24 EIs dicionarizadas, 16 são encontradas dentro de um verbete, ou seja, são subentradas. Vejamos o exemplo da EI “engolir sapo”, que vem em destaque logo após um sinal gráfico e é seguida da marca de uso e de sua acepção.

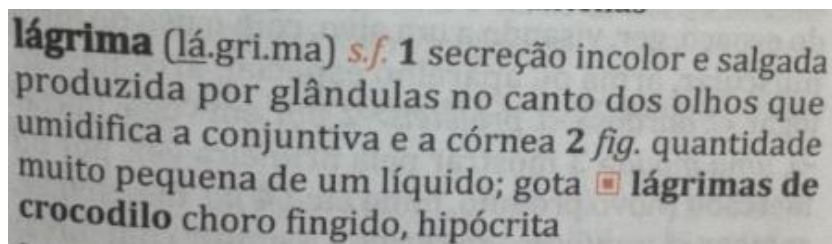
Figura 12 – Verbetes do dicionário Houaiss: sapo



Fonte: Dicionário Houaiss, 2015.

Ao buscarmos as EI neste dicionário, constatamos que muitas EI são tratadas como subentradas do primeiro nome presente na EI. A expressão EI “dar nome aos bois”, por exemplo, possui mais de um nome em sua estrutura e está localizada no verbete do substantivo “nome”. Da mesma maneira acontece com as EI “história/conversa pra boi dormir”, “lágrimas de crocodilo”, que estão presentes nos verbetes encabeçados por “conversa” e “lágrimas”, respectivamente. Vejamos o exemplo:

Figura 13 – Verbetes do dicionário Houaiss: lágrima

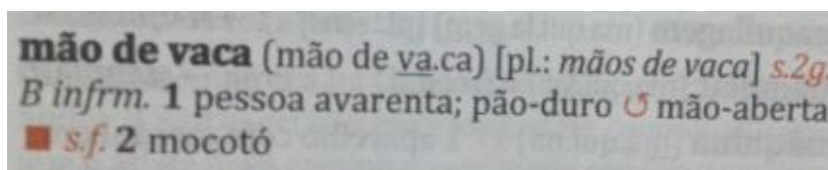


Fonte: Dicionário Houaiss, 2015.

A partir desta análise, percebemos que neste dicionário parece haver um consenso no tratamento lexicográfico dispensado às UF, visto que elas foram incluídas como subentradas do primeiro substantivo que as compõem.

Vale a pena ressaltar que durante nossa análise, deparamo-nos com algumas EI já dicionarizadas como entradas. Das 24 EI encontradas no dicionário, 8 são entradas de verbetes. São elas: “amigo da onça”, “bicho de sete cabeça”, “boca de siri”, “cabra da peste”, “cavalo de batalha”, “gato-pingado”, “gato-sapato”, “mão de vaca”. Podemos, portanto, concluir que essas EI se cristalizaram na língua portuguesa e foram dicionarizadas como palavras-entradas.

Figura 14 – Verbetes do dicionário Houaiss: mão de vaca



Fonte: Dicionário Houaiss, 2015.

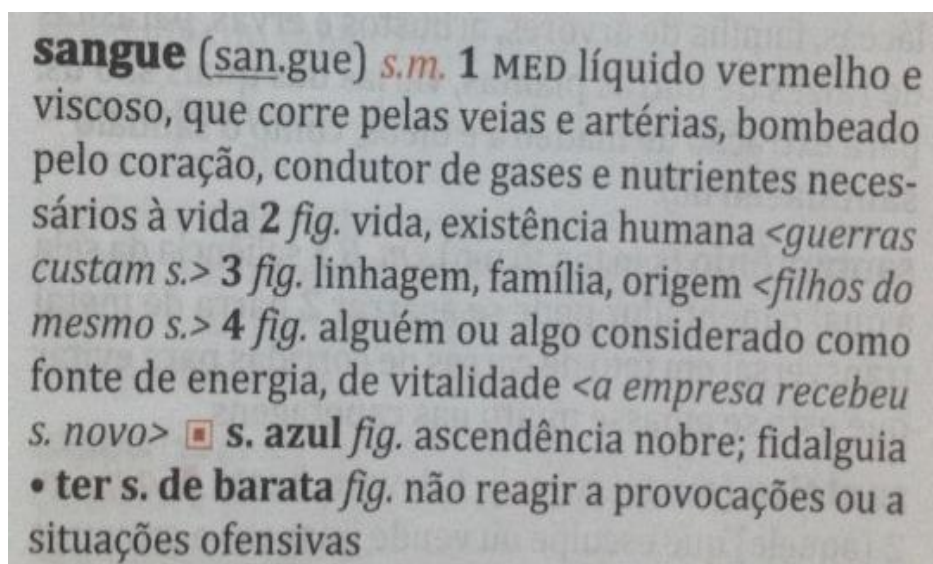
#### ➤ Transcrição fonética

Concebendo a transcrição fonética das palavras como um aspecto normativo por apresentarem a grafia e a pronúncia considerada “correta” da língua, consideramo-la um elemento essencial tanto para falantes nativos quanto para falantes estrangeiros. O dicionário Houaiss oferece ao consulente uma indicação normativa da pronúncia da palavra-entrada. A pronúncia é apresentada entre colchetes e assinalada a sílaba mais forte do lema.



Apesar de sua importância para o aprendizado e a compreensão da língua, não encontramos no dicionário Houaiss nenhuma menção à pronúncia da EI, quando esta é subentrada de um verbete. Apesar de sabermos que a obra analisada não tem como público-alvo falantes estrangeiros, acreditamos que a ausência da transcrição fonética pode dificultar a compreensão da EI por um consulente não nativo, partindo da ideia de que muitos estudantes de PLE recorrem aos dicionários escolares para sanarem dúvidas tanto em relação à definição quanto à pronúncia das UF.

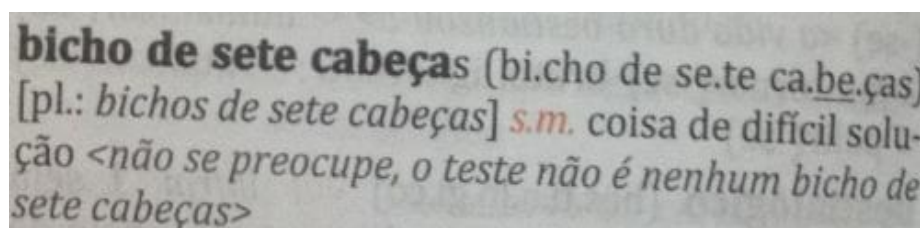
Figura 15 – Verbetes do dicionário Houaiss: sangue



Fonte: Dicionário Houaiss, 2015.

No caso das EI já dicionarizadas como palavra-entrada do verbete, o dicionário apresenta a pronúncia completa da EI. Exemplo:

Figura 16 – Verbetes do dicionário Houaiss: bicho de sete cabeças

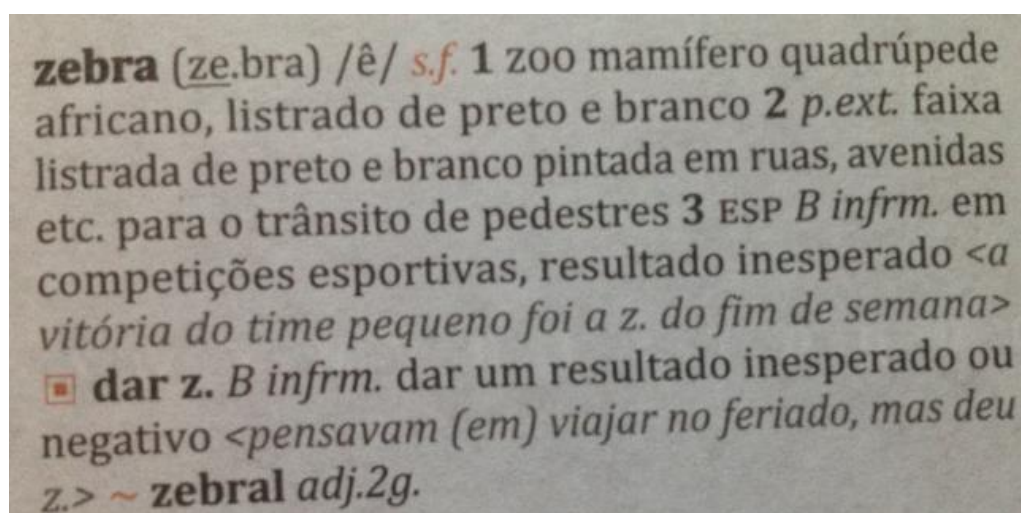


Fonte: Dicionário Houaiss, 2015.

## ➤ Abonações/exemplos

Quanto a presença de abonações ou exemplos na microestrutura, constatamos que não há uma sistematização sobre a presença desses paradigmas. Apenas 11, das 24 EIs encontradas no dicionário mostram a EI em meio a uma oração. Podemos ressaltar que o dicionário apresenta exemplos curtos e descontextualizados do uso.

Figura 17 – Verbetes do dicionário Houaiss: zebra



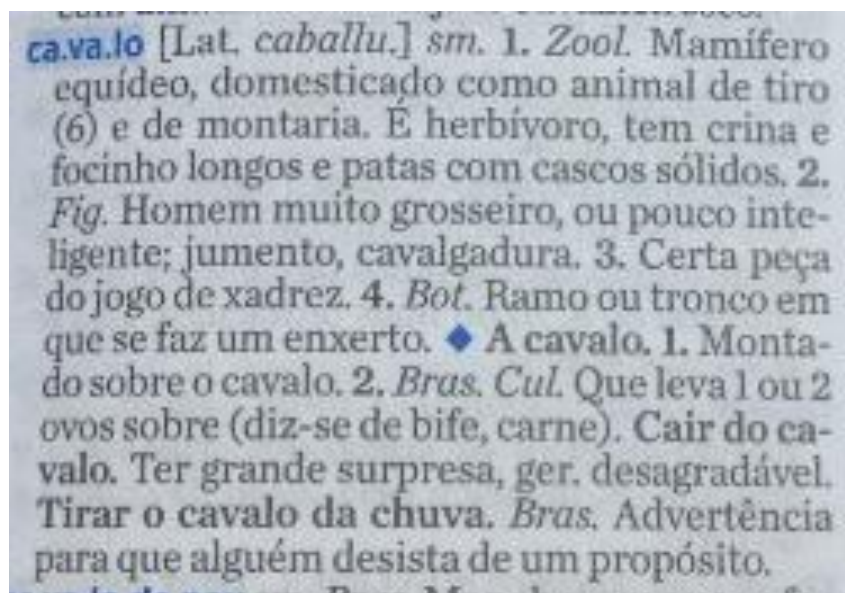
Fonte: Dicionário Houaiss, 2015.

- **Dicionário Aurélio**

No dicionário *Aurélio*, as UF são chamadas de locuções e são apresentadas da seguinte maneira: “Muitas palavras ocorrem em locuções. Estas são introduzidas pelo simb. (·) e são enumeradas alfabeticamente: primeiro as locuções iniciadas pela palavra-chave e depois aquelas que o são por outras palavras” (AURÉLIO, 2010, p. X).

Assim como no dicionário Houaiss, o dicionário Aurélio apresenta as UF após um símbolo gráfico. No caso de ocorrer mais de uma UF no mesmo verbete, as mesmas são colocadas em destaque, em negrito.

Figura 18 – Verbetes do dicionário Aurélio: cavalo.



Fonte: Dicionário Aurélio, 2010.

#### ➤ Lema (palavra-entrada)

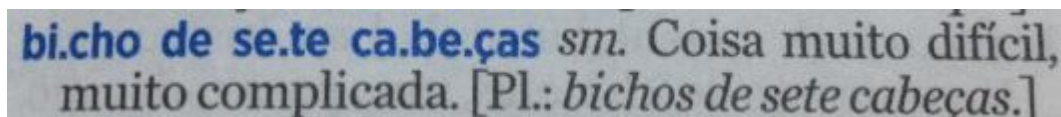
O dicionário Aurélio pode apresentar as UF em geral como subentradas dos elementos que as compõem ou como palavra-entrada de um verbete. Das 69 EI pertencentes à base de dados elaborada neste trabalho, apenas 8 foram encontradas neste dicionário. São elas: “(acertar) na mosca”, “bicho-de sete-cabeças”, “cair do cavalo”, “engolir sapo”, “(fazer) gato-sapato”, “gato pingado”, “matar cachorro a grito”, “pagar mico”. Das 8 EI encontradas no dicionário, 5 delas foram localizadas como subentradas do verbete encabeçado pelo nome do animal que as compõem (FIGURA 16) e 3, das 8 expressões localizadas no dicionário, são lematizadas, tratadas como palavra-entrada dos verbetes (FIGURA 17).

Figura 19 – Verbetes do dicionário Aurélio: sapo.



Fonte: Dicionário Aurélio, 2010.

Figura 20 – Verbetes do dicionário Aurélio: bicho de sete cabeças.

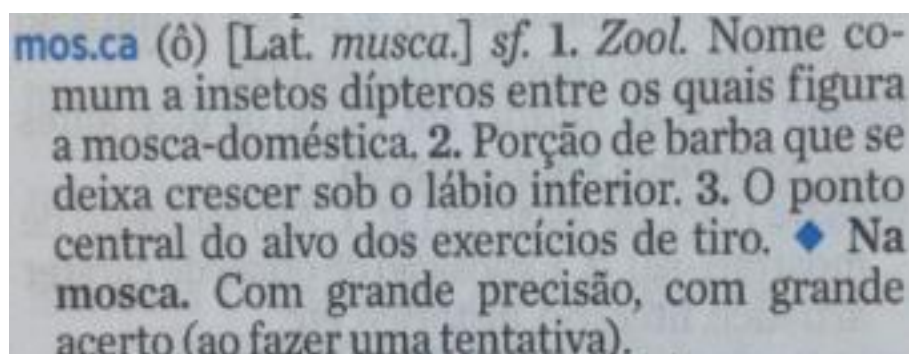


Fonte: Dicionário Aurélio, 2010.

### ➤ *Transcrição fonética*

O dicionário Aurélio não apresentou a transcrição fonética de nenhuma das EI presentes na nossa base de dados. Diferentemente do que encontramos no dicionário Houaiss, o dicionário Aurélio não apresenta a representação fonética nem da EI, quando é palavra-entrada do verbete (FIGURA 18). Neste dicionário, após a palavra-entrada, há a origem etimológica da palavra, a informação gramatical e finalmente a aceção da palavra.

Figura 21 – Verbetes do dicionário Aurélio: mosca.

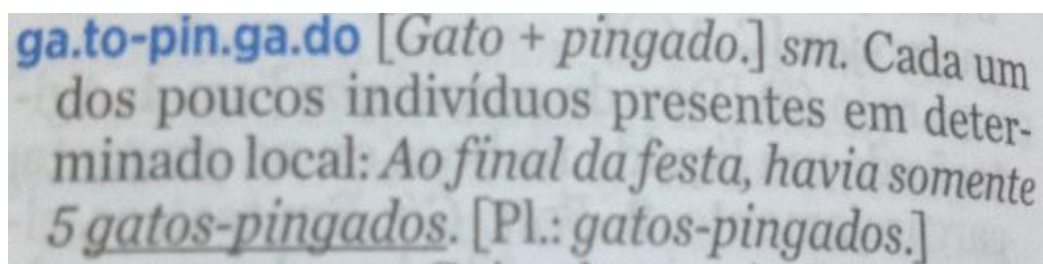


Fonte: Dicionário Aurélio, 2010.

### ➤ *Abonações / exemplos*

Apesar das abonações e exemplos ajudarem falantes nativos e não nativos a compreenderem o uso da EI, o dicionário Aurélio apresenta somente uma EI exemplificada.

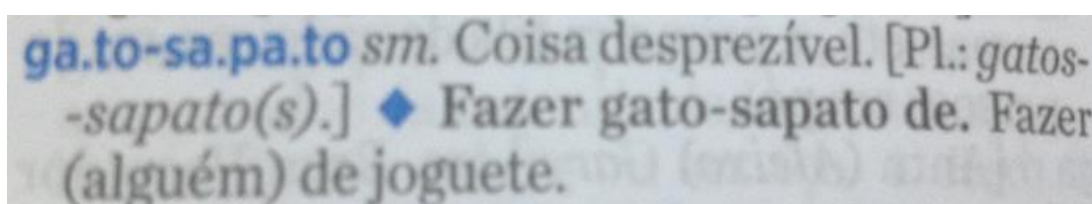
Figura 22 - Verbetes do dicionário Aurélio: gato-pingado.



Fonte: Dicionário Aurélio, 2010.

A EI exemplificada, gato-pingado, é uma palavra-entrada, porém as demais EI que também encabeçam verbetes não apresentam exemplos ou abonações.

Figura 23 - Verbetes do dicionário Aurélio: gato-sapato.



Fonte: Dicionário Aurélio, 2010.

Ao finalizarmos a análise lexicográfica nos dicionários escolares Houaiss e Aurélio, constatamos a qualidade e a funcionalidade desse material para o ensino da língua portuguesa para falantes nativos de português. Porém, cientes de que muitos estudantes estrangeiros recorrem a essas obras para sanar dúvidas sobre o significado e pronúncia das UF, concluímos que estes não os atendem de forma satisfatória.

A análise lexicográfica permitiu-nos constatar que não há uma regularidade quanto ao critério de lematização das EI como palavra-entrada ou como subentrada de um verbete. Outro critério não sistematizado é o de inclusão das EI nos dicionários. Constatamos isso ao verificar que as EI que apresentaram mais de centenas de ocorrências na base de dados *Corpus* do Português não foram encontradas nos dicionários. Acreditávamos que as EI mais recorrentes, como “ovelha negra”, “lágrima de crocodilo”, “pagar o pato”, com, respectivamente, 394, 337 e 285 ocorrências, seriam incluídas nos dicionários. As EI “ovelha negra” e “lágrima de crocodilo”, por exemplo, não foram incluídas no dicionário Aurélio. Por outro lado, EI como “(acertar) na mosca”, “cair do cavalo”, que não apresentaram nenhuma ocorrência na base de dados *Corpus* do Português estão presentes nos dois dicionários analisados.

Concluímos, portanto, que, os dicionários analisados apresentam lacunas, no que concerne o tratamento lexicográfico das EI, o que corrobora para a afirmação da necessidade de se elaborar DFMPB. Para a elaboração dessas obras faz-se necessário a coleta do maior número de EI possível, a fim de tornar acessível ao consulente não nativo a compreensão das expressões presentes na língua e, muitas vezes, presentes somente na oralidade da mesma. Para tanto, faz-se necessário também a definição dos paradigmas lexicográficos essenciais para composição de um verbete para os dicionários destinados a estudantes de PLE, curiosos da língua que não a possuem como LM etc. Logo, propomos a seguir, um modelo de microestrutura, que visa auxiliar lexicógrafos e estudiosos na elaboração de DFMPB composto por EI para falantes não nativos do português e dessa forma contribuir para o ensino e aprendizado da língua.

#### **4.2 Proposta de verbete lexicográfico para dicionários fraseológicos de expressões idiomáticas**

Embora já existam livros didáticos e DA que buscam auxiliar estudantes estrangeiros no emprego e na compreensão da língua portuguesa, muitas vezes, ainda há a ausência de materiais didáticos que contemplem satisfatoriamente as UF. Diante disso, propusemo-nos no início deste trabalho a elaborar uma proposta de verbete para DFMPB composto por EI, a fim de contemplar todos os paradigmas necessários para a compreensão das EI por estudantes não nativos de português.

Concebemos a microestrutura como um dos elementos de fundamental importância na composição dos dicionários, pois é nela que os paradigmas são ordenados e possibilitam a compreensão de uma palavra, de uma EI, por exemplo. Assim, são exemplos de paradigmas a etimologia, as informações fonéticas, a definição, a classe gramatical, as abonações, as marcas de uso etc.

O conjunto dos paradigmas presentes em uma microestrutura precisa ser bem planejado, pois somente a partir de um planejamento cuidadoso será possível criar uma sistematicidade, que permita aos consulentes compreenderem adequadamente as informações transmitidas no conjunto de paradigmas presentes nos verbetes. Tomando como referência as instruções de Xatara e Parreira (2011), que listam as etapas e questionamentos que podem auxiliar no desenvolvimento de um projeto fraseográfico, apresentamos a proposta de verbete elaborada neste trabalho como um elemento que poderá compor DFMPB composto por EI.



A partir do que foi apresentado, os verbetes serão compostos, basicamente, dos seguintes elementos da teoria lexicográfica: lema (palavra-entrada), transcrição fonética, definição e abonação, seguida de sua fonte, pois acreditamos que esses paradigmas podem auxiliar os consulentes na compreensão e emprego das EI.

A seguir veremos como os verbetes se estruturarão.

- **O verbete**

Os dicionários, segundo Biderman (1984), são formados por sequências de verbetes. O verbete, por sua vez, é um gênero textual que tem um propósito comunicativo e uma estrutura composicional. Segundo Pontes (2009, p 100), o verbete lexicográfico “constitui um enunciado lexicográfico, ou texto, que se forma a partir de um conjunto de respostas a uma série de perguntas que o usuário do dicionário pode fazer acerca da unidade léxica, que aparece como entrada”. Tais perguntas podem ser sobre a pronúncia, a categoria gramatical, as marcas de uso etc. O verbete, portanto, compreende a palavra-entrada e o conjunto de paradigmas ordenados, estruturados e dispostos horizontalmente na estrutura do dicionário (PONTES, 2009).

Os paradigmas presentes nos verbetes classificam-se, segundo Barbosa (1990 apud PONTES, 2009), em paradigmas informacionais, paradigmas definicionais e paradigmas pragmáticos. Os paradigmas informacionais correspondem às informações sobre o termo definido, tais como a classe gramatical, o gênero, o número, a conjugação, a pronúncia, as abreviações, os homônimos, os campos léxico-semânticos etc. Já os paradigmas definicionais correspondem à definição propriamente dita. Por fim, nos paradigmas pragmáticos podemos encontrar uma ou mais classes contextuais. É nesse paradigma que encontramos os exemplos de uso, a marcação temática etc.

Na proposta elaborada neste trabalho, o verbete será composto pela palavra-entrada (uma UF), pelos paradigmas informacionais (pronúncia), paradigmas definicionais (definição) e paradigmas pragmáticos (abonações). A escolha pelos paradigmas presentes nesta microestrutura deu-se pelo foco no público, falantes não nativos de português. Vejamos abaixo:

<b>UNIDADE FRASEOLÓGICA</b> (informação fônica) + (definição) + (abonação e fonte)
--

Na sequência, dar-se-á destaque a cada um dos itens que compõem a proposta de verbete para um DFMPB composto por EIs.

- **Lema (palavra-entrada)**

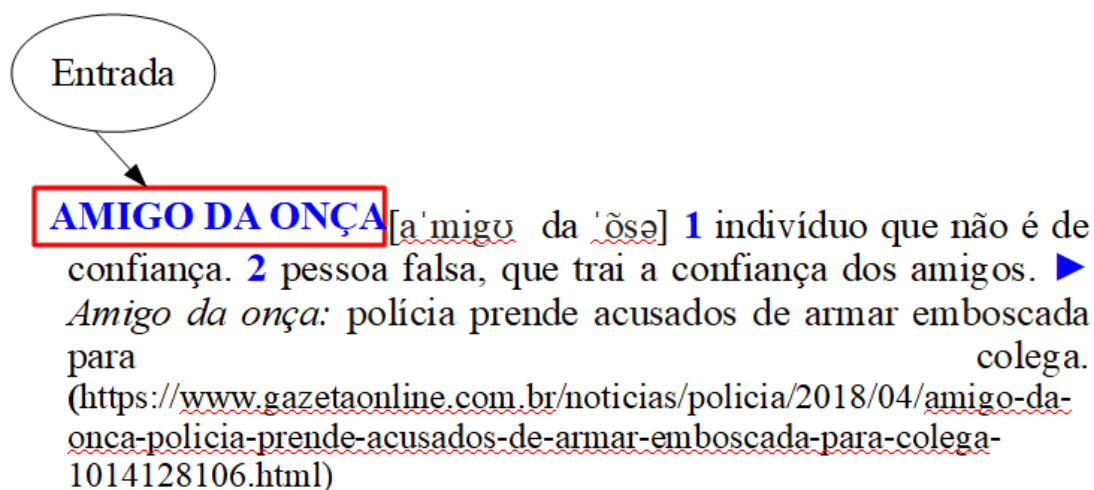
A palavra-entrada caracteriza-se, basicamente, por encabeçar o verbete e por ser seguida pelos demais elementos que comporão o artigo lexicográfico. Segundo Welker (2004, p. 110),

a cabeça do verbete compreende o lema e as informações anteriores à definição ou às definições (ou equivalentes, nos dicionários bilíngües), a saber, variantes ortográficas, a pronúncia, a categoria gramatical, informações flexionais e/ou sintáticas, a etimologia, marcas de uso (Welker, 2004, p. 110).

Neste trabalho propomos que as EI que encabeçarão os verbetes de um DFMPB sejam compostas por todos os elementos que as compõem, como “mão de vaca”, “estar com a pulga atrás da orelha”, “matar cachorro a grito” etc. Acreditamos que desta forma, a busca do consulente pelas EIs será facilitada, pois o mesmo não terá que consultar cada um dos elementos que as compõe para encontrá-las.

Definiu-se que as palavras-entradas serão grafadas em cor diferente dos paradigmas presentes no verbete, em negrito, em letra maiúscula e em fonte maior do que a usada nas demais informações apresentadas no verbete. Exemplo:

Figura 24 – Modelo de microestrutura: entrada.





Fonte: autora.

Logo após a palavra-entrada, destacamos a transcrição fonética. Esta, de suma importância no processo de aprendizagem e no desenvolvimento da competência oral do aprendente.

- **Transcrição fonética**

A pronúncia das palavras em LE pode caracterizar-se com uma das principais dificuldades no processo de ensino e aprendizagem de uma língua. Diante disso, acreditamos que as informações sobre a pronúncia apresentadas dentro do verbete podem propiciar uma autonomia aos aprendizes, pois a partir da informação fônica, por exemplo, os aprendizes podem produzir oralmente sozinhos as palavras buscadas nos dicionários.

Considerando que a proposta de microestrutura elaborada neste trabalho, comporá um DM e que as UF lematizadas fazem parte do português, língua não materna dos usuários potenciais, a pronúncia das palavras lematizadas foi estabelecida logo após a entrada. Propomos que a transcrição fonética seja realizada através do Alfabeto Fonético Internacional, visto que, as letras e os símbolos que o integram são capazes de descrever qualquer som de vocábulos pertencentes a qualquer uma das línguas naturais. Logo, podem ser muito úteis no DFMPB, pois será representada a pronúncia mais adequada de cada palavra presente na UF.

Figura 25 – Modelo de microestrutura: transcrição fonética.

Transcrição fonética

**ACERTAR NA MOSCA** [aser'ta na 'moskə] **1** adivinhar, acertar ou conseguir alguma coisa na primeira tentativa. **2** o mesmo que acertar em cheio. ► *Novas Tendências do Geomarketing - Saiba como acertar na mosca usando análise geográfica.* (<http://www.cognatis.com.br/novas-tendencias-do-geomarketing-saiba-como-acertar-na-mosca-usando-analise-geografica/>) ► *Como acertar em cheio no marketing de relacionamento?* (<http://www.fecomercio-ms.com.br/noticias/como-acertar-em-cheio-no-marketing-de-relacionamento>)

Fonte: autora.

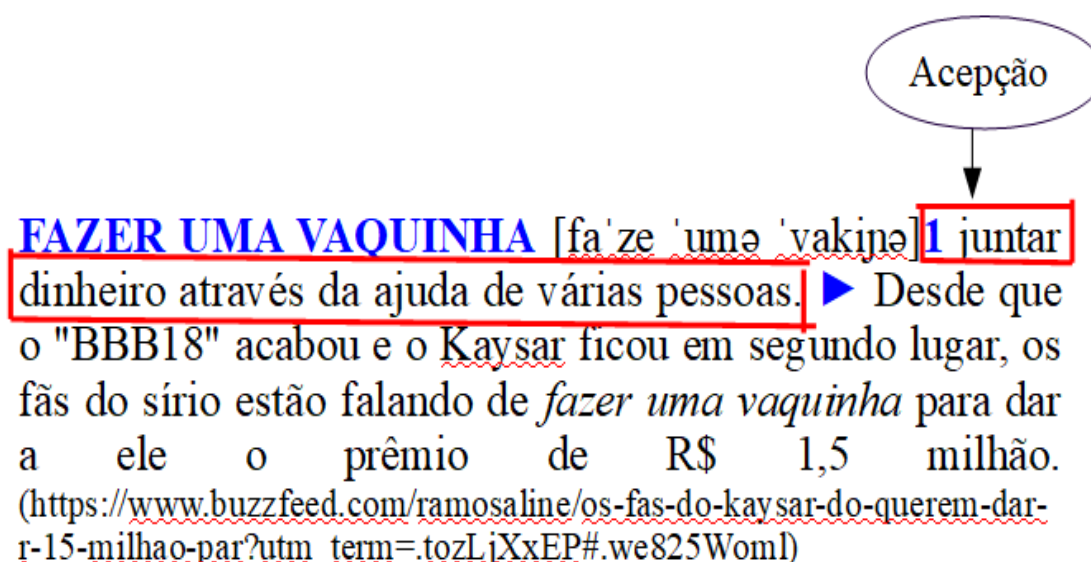
Uma vez que a microestrutura aqui proposta comporá um dicionário de UF do PB, determinou-se que a transcrição aqui apresentada é a variante padrão do português falada em São Paulo, estado mais populoso do Brasil, com mais de 45 milhões de habitantes (IBGE, 2017). Neste momento, consultamos o Portal da Língua Portuguesa, do Instituto de Linguística Teórica e Computacional, para empregar a transcrição fonética presente neste trabalho.

- **Definição**

Para Porto Dapena (2002), a definição corresponde às equivalências ou expressões explicativas atribuídas às entradas em DM. Segundo o autor, a definição lexicográfica é constituída por dois elementos: o definido, que é a entrada, e o definidor, que é a definição propriamente dita, a explicação metalinguística que esclarece o significado do definido. Como as EI podem ter mais de um significado, esses significados nos dicionários são organizados em acepções, por isso, propomos que as acepções sejam antecedidas por numerais ordinais, pois os mesmos indicarão se houver mais de uma acepção para a UF.

Neste trabalho, propomos que as acepções sejam posicionadas após a palavra-entrada e a transcrição fonética.

Figura 26 – Modelo de microestrutura: definição.



Fonte: autora.

- **Abonação**

Segundo Welker (2004, p.149), a abonação é a frase ou trecho de frase encontrada em um texto autêntico. Dessa forma, propomos que as abonações presentes em um verbete de um DF composto por EI sejam retiradas de situações reais de comunicação, como de sites, jornais, revistas etc. Seguida da abonação, propomos colocar a fonte de onde a mesma foi retirada, pois a partir dela o consultante pode consultar o texto autêntico na íntegra.

Figura 27 – Modelo de microestrutura: abonação.

Abonação

**DAR NOME AOS BOIS** [da 'nomi aws 'bojs] 1 denunciar  
alguém 2 identificar pessoas responsáveis por algo. ▶ ▲ 'É  
polêmico *dar nome aos bois*, mas é nossa luta', diz membro de  
banda censurada na TV Cultura.  
(<https://revistacult.uol.com.br/home/banda-alafia-censura-tv-cultura/>)

Fonte: autora.

Nesta etapa, foram esquematizadas questões pertinentes a todo o processo de organização dos paradigmas que compõem o modelo de verbete para um DFMPB composto por EI, a saber: palavra-entrada, informação fônica, definição e abonação. Na organização dos paradigmas lexicográficos, constatamos a importância de criação de fichas lexicográficas para cada EI que poderá fazer parte de um dicionário. Essas fichas possuem informações imprescindíveis para o trabalho lexicográfico, porque nelas se registram todas as informações necessárias para a composição dos verbetes.

Este capítulo constitui a fase de finalização da proposta de verbete que apresenta como palavra-entrada uma EI. Neste momento, mostramos os recortes de informações das fichas lexicográficas produzidas anteriormente, selecionando as informações mais relevantes para o público-alvo, estudantes de PLE.

A proposta de verbete apresentada neste trabalho constitui-se, portanto, da palavra-entrada, que é grafada em cor diferente dos demais paradigmas presentes no verbete, em negrito, em letra maiúscula e em fonte maior do que a usada nas demais informações presentes no verbete. Logo após a entrada, é disponibilizada a informação fônica da EI, esta apresenta-se dentro de colchetes e busca auxiliar os consulentes na produção oral das EI. Em seguida, apresentamos as acepções das EI antecedidas por numerais ordinais. Ao final do verbete são inseridas as abonações, nas quais as EI são empregadas em um discurso autêntico, seguidas das fontes de onde as mesmas foram retiradas, pois a partir delas o consulente pode consultar o texto onde se encontram as EI na íntegra.

## 5 CONCLUSÃO

Os dicionários constituem uma organização sistemática do léxico, podendo, segundo Pontes (2009, p. 24), “serem concebidos como produto histórico, ideológico, temporal, social, institucional, comercial, pedagógico e linguístico, sobretudo”. Sua função principal, auxiliar falantes nativos, aprendizes de LM e LE e professores no desenvolvimento de habilidades linguísticas é um dos fatores que pode estabelecer critérios para sua elaboração. Os dicionários diferenciam-se, portanto, pelas características de composição, conteúdo, objetivos específicos, público-alvo etc.

Atualmente, os dicionários, junto aos livros didáticos, são instrumentos fundamentais, que auxiliam alunos e professores no processo de ensino e aprendizagem de LM e LE. Desde o seu surgimento, na Idade Antiga, com a elaboração das glosas e, em seguida, dos glossários, o dicionário tem, para muitos usuários, a função de simplesmente tirar dúvidas quanto à ortografia e à definição de palavras. Porém, para Biderman (2002), o dicionário vai muito além dessa visão simplista de instrumento legitimador do léxico. Segundo Vázquez (2010), infinitas são as possibilidades nas quais o dicionário pode auxiliar os aprendizes de línguas. Entre elas estão a decodificação escrita (leitura) e oral (compreensão oral), a codificação escrita (escrita) e oral (expressão oral), a decodificação de LM (tradução de LE a LM) e a codificação de LE (tradução de LM a LE).

Como podemos perceber, as informações contidas nos dicionários podem proporcionar aos aprendizes uma autonomia na língua, em especial, na LE. No âmbito do ensino e aprendizagem de LE, o dicionário configura-se como um instrumento essencial tanto nos primeiros contatos com a língua quanto no momento de aperfeiçoamento desta. Essas obras são ferramentas com as quais os aprendizes poderão ampliar seus vocabulários, o que permitirá alcançar um domínio cada vez mais amplo do léxico e da cultura de um povo.

Devido às lacunas lexicográficas no tratamento dispensado às UF, o DFMPB composto por EI surge como um material didático que pode ser muito útil no processo de ensino-aprendizagem do PLE. Elaborar DFMP significa considerar as peculiaridades linguísticas e culturais associadas à língua portuguesa e transmiti-las a falantes de outras línguas e culturas.

O ensino de PLE consiste na difusão das variedades do português e dos aspectos culturais dos nove países que compõem a Comunidade de Países de Língua

Portuguesa (CPLP): Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. A CPLP trabalha com o intuito de estabelecer uma cooperação educacional, cultural entre os países-membros, além de promover e difundir a língua portuguesa através das ações do Instituto Internacional de Língua Portuguesa (I IPL).

O crescimento do número de falantes de Língua Portuguesa é vertiginoso e resultou, no ano de 2015, em 263 milhões de falantes de português no mundo inteiro. Para o ano de 2100 espera-se que sejam cerca de 490 milhões de falantes de língua portuguesa (I IPL). Atualmente, no cenário mundial, devido ao crescente número de falantes, a Língua Portuguesa destaca-se por ser a quarta língua mais falada, a quinta língua com maior número de utilizadores na internet, a terceira língua mais falada no facebook e a língua oficial ou de trabalho em mais de 32 organizações internacionais (CAMÕES, I.P.), entre elas a União Europeia, Aliança Latino-Americana de Comércio Livre (ALALC), Organização de Unidade Africana (OUA), UNESCO, MERCOSUL etc.

Diante da importância da língua portuguesa no cenário mundial, a preocupação com a elaboração de materiais didáticos que auxiliem professores e alunos de PLE deve ser uma constante entre os pesquisadores da área. Neste trabalho, portanto, propusemo-nos a elaborar uma proposta de verbetes para compor DFMPB de EI para estudantes de PLE.

Para que esse trabalho fosse possível, fundamentamos nossa pesquisa nas teorias lexicográficas e fraseológicas. Entendemos a Fraseologia como uma disciplina que estuda as combinações lexicais relativamente estáveis e indivisíveis presentes nas línguas naturais, as UF. Estas são unidades lexicais que apresentam dois ou mais elementos, que se diferenciam das palavras e combinações livres, sendo o seu significado dado pela interpretação do conjunto dos elementos que as compõem. Em meio a diversidade fraseológica presente na língua, delimitamo-nos ao trabalho com as EI, especificamente as zoomórficas. As EI caracterizam-se por serem unidades linguísticas que possuem um caráter cultural, através do qual podem transmitir elementos culturais de uma determinada sociedade, sendo, portanto, instrumento importante no ensino e aprendizagem de LE.

A teoria lexicográfica, em especial, a LP deu-nos os fundamentos para a análise do tratamento lexicográfico dispensado às EI em dicionários escolares e para a

elaboração da proposta de verbete para compor um DFMPB, objetivo principal deste trabalho.

Para situar nosso trabalho e ressaltar a importância de sua realização, consideramos pertinente, primeiramente, realizar um breve percurso histórico sobre os trabalhos em Fraseologia, em especial, os realizados no Brasil, o que nos permitiu detectar a ausência de DFMPB para falantes não nativos.

Diante da ausência de determinado tipo de obra, nosso trabalho caracteriza-se por objetivar auxiliar lexicógrafos e estudiosos na elaboração de material didático que sistematize as EI do PB e, assim contribuir com o ensino de PLE. Para que alcançássemos nosso objetivo partimos da análise do tratamento lexicográfico dispensado às EI em dicionários escolares, uma vez que estes são usados por estudantes estrangeiros. Para realizar nossa análise, diante da grande quantidade de EI zoomórficas na língua, elaboramos uma base de dados com EI zoomórficas que apresentam como características a idiomaticidade e a convencionalidade. A coleta dessas EI realizou-se a partir de trabalhos acadêmicos já realizados na seara fraseológica, o que resultou em uma base de dados, até o momento, com 69 EI zoomórficas.

A análise aqui apresentada foi realizada nos dicionários Aurélio e Houaiss da língua portuguesa. Realizamos a análise lexicográfica afim de: identificarmos como as EI podem ser localizadas nos dicionários; verificarmos se há informação fonética da EI, a fim de ajudar o consulente na produção oral da EI; e se há exemplos de uso das EI, a fim de facilitar a compreensão e o emprego das EI no discurso. Nossa análise deu-se nas 69 EI presentes na base de dados por nós elaborada. Ao finalizarmos a análise, constatamos que a localização das EI nos dicionários pode apresentar dificuldade para os consulentes, além de não apresentar de forma significativa as EI em um contexto de uso nem apresentar informações fonéticas das mesmas. Cientes de que as obras analisadas não têm como público alvo falantes estrangeiros, acreditamos que estas podem ser eficazes, apesar das lacunas, para falantes que possuem o português como LM, pois a compreensão das EI pode ser facilitada pela competência discursiva dos falantes e pelo conhecimento do código social de onde são inseridos. Concluímos, portanto, que se faz urgente e necessária a elaboração de materiais lexicográficos que tenham como objeto principal as UF.

Ao finalizarmos nossa pesquisa, constatamos a ausência de trabalhos que têm como foco a elaboração de obras lexicográficas monolíngues de português para

estrangeiros. Faz-se necessário, portanto, a elaboração desse tipo de obra a fim de sistematizar os aspectos linguísticos e culturais da sociedade brasileira.

Cientes da importância do ensino e da aprendizagem das UF para estudantes estrangeiros, esperamos poder contribuir com os estudos fraseográficos e motivar outros pesquisadores a dar continuidade à elaboração de materiais monolíngues do português, para que dessa forma contribuamos para o ensino e internacionalização da língua portuguesa.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVAREZ, M. L. O. *Expressões idiomáticas do Brasil e do espanhol de Cuba: Estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. 2000, 334 f. Tese de doutorado (Doutorado em Linguística Aplicada), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2000.
- ALVAREZ, M. L. O; MACHADO. Expressões idiomáticas em texto jornalísticos: insumo. *Horizontes de Linguística Aplicada*, v. 9, n.2, 2010, p. 145-162.
- ALVAREZ, M. L.O. Estudos Fraseológicos no Brasil: Estado da Arte. In: ALVAREZ, M.L.O. (org). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas: Pontes Editora, 2012. p. 355-375.
- AGUIAR, M. I. G. Fraseología y lexicografía: análisis y propuestas. *Revista de Lexicografía*, 2002-2003, p. 29-55.
- FERREIRA, A. B. H. *Mini Aurélio*: Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Positivo. 2010.
- BARBOSA, M. A. O Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Anpoll: Formação e Desenvolvimento. *Revista da ANPOLL*, João Pessoa, v. 1, 1995, p. 53-60.
- BARBOSA, M. A. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. *Caderno de terminologia*, n. 1, 2001.
- BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. Barueri, São Paulo: Manole, 2004.
- BIDERMAN, M. T. C. A ciência da Lexicografia. *Revista Alfa*, nº28 (supl.). São Paulo, 1984a, p.1-26.
- BIDERMAN, M.T.C.A. Glossário. *Revista Alfa*. São Paulo, nº28 (supl.), 1984, p. 135-144.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. R; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora da UFMS, 1998, p. 11-20.
- BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na Contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. e ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As Ciências do Léxico*. 2 ed, Campo Grande: UFMS, 2001, p. 131-144.
- BIDERMAN, M. T. C. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: *Filologia Linguística Portuguesa*. n. 5, 2002, p. 85-116.
- BIDERMAN, M. T. C. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. *Alfa*, São Paulo, n. 47, v. 1, p. 53-69, 2003.

BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. In: Rio-Torto, G.; Figueiredo, O. M.; Silva, F. (Org.). *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. II, 2005.

BOLZAN, R. M.; DURÃO, A. B. A. B. Abandonando clichês para descortinar um cenário positivo para o uso do dicionário em sala de aula. In: DURÃO, Balbino de Amorim Barbieri (orgs). *Vendo o dicionário com outros olhos*. Londrina: UEL, 2010, p.45-62

BORBA, F. S. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: UNESP, 2003.

BRASIL. *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações*. Disponível em:<<http://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 05 de abril de 2017.

BRASIL, IBGE. *Censo demográfico*. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em maio de 2018.

BUDNY, R. *Unidades Fraseológicas com zoônimos em dicionários monolíngues e bilíngue (português/inglês) e em livros didáticos do PNLD*. 2015. 247 f. Tese (Doutorado em tradução) - Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

CAPES. *Catálogo de Teses e Dissertações*. Disponível em: <[http://sdi.capes.gov.br/banco-de-teses/01\\_bt\\_index.html](http://sdi.capes.gov.br/banco-de-teses/01_bt_index.html)>. Acesso em: 05 de abril de 2017.

CARVALHO, G. L. *Unidades Fraseológicas no ensino de português língua estrangeira: os últimos serão os primeiros*. 2011. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CORREIA, M. Lexicografia no início do século XXI – novas perspectivas, novos recursos e suas consequências. In: Júnior, Manuel Alexandre (coord.) *Lexicon – Dicionário de Grego-Português, Actas de Colóquio*. Lisboa: Centro de estudos Clássicos / FLUL, 2008, p. 73-85.

CONSELHO DA EUROPA. *Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação*. Edições Asa, 2001.

DAVIES, M. *Corpus do Português: 1 bilhão de palavras 2016*. Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>> Acesso em: 23 de dezembro de 2017.

Duran, M. S. *Dicionários bilíngues pedagógicos: análise, reflexões e propostas*. 2004. 132 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2004.

- DURAN, M. S. A lexicografia pedagógica e sua contribuição para a mudança do paradigma lexicográfico. In: XATARA, C.; BEVILACQUA, C.; HUMBLÉ, P. (org.). *Lexicografia pedagógica: pesquisas e perspectivas*. Santa Catarina, UFSC, 2008.
- DURAN, M. S.; XATARA, C. M. Dicionários semibilíngues: uma inovação? *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 13, n. 1, p. 45-57, 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2398>>. Acesso em 01 de junho de 2017.
- DURÁN, M. S.; XATARA, C. M. Critérios para categorização de dicionários bilíngues. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. III. Campo Grande: Editora UFMS/Humanitas, 2007, p. 311-320.
- DURAN, M. S.; XATARA, C. M. Reflexos da evolução do ensino de línguas na Lexicografia Bilíngue. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 24, p. 241-250, 2008.
- DURAN, M. S.; XATARA, C. M. Lexicografia pedagógica: atores e interfaces. *DELTA*, v. 23, n. 2, p. 203-222, 2007a.
- DURÃO, A. B. A. B. (Org.) *Por uma Lexicografia Bilíngue Contrastiva*. Londrina: UEL, 2009.
- DURÃO, A. B. A. B. (Org.). *Vendo o dicionário com outros olhos*. Londrina: UEL, 2010.
- FERREIRA, A. B. H. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FONSECA, H. C. *Fraseologismos zoônimos: elaboração de base de dados português-francês*. 2013. 187 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2013.
- FULGÊNCIO, L. *Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro*. 2008. 508 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia, Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- GOMES, P. V. N. *O processo de aquisição lexical na infância e a metalexicografia do dicionário escolar*. 2007. 327 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. 10ª edição-São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- HOUAISS, I. A. *Pequeno dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2015.
- KLARE, J. Lexicología e fraseología no português moderno. *Revista de Filologia Románica*, 11.1. Editorial de la Universidad Complutense. Madrid, 1986.

- KRIEGER, M. G. Dicionários escolares e ensino de língua materna. In: *Estudos Linguísticos*, São Paulo, p. 169-180, 2012.
- LARROUSE. *Dictionnaire Brésilien*. Paris: Larousse, 2012.
- LAROUSSE. *Dictionnaire Portugais*. Paris: Larousse, 2008.
- LELLO. *Novo Dicionário Lello da Língua Portuguesa*. Lello Editores, 2011.
- LIMA, E. E. O. F; IUNES, S. A. *Falar... ler... escrever... português: um curso para estrangeiros*. São Paulo: EPU, 2012.
- MARTINS, V. P. S. *Estratégias de compreensão de expressões idiomáticas por não nativos do português brasileiro*. 2013. 411f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.
- MATIAS, L.C. *Expressões idiomáticas corporais no dicionário bilingue de uso espanhol-Português / Português – Espanhol (DiBU)*. 2008. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- MIRANDA, A. K. P. de. Os avanços na pesquisa fraseográfica no Brasil. In: DORNELES, M. R. H.; FONSECA, J. Z. B. (Coords.). *Simpósio nacional de línguas e literaturas*, 2014.
- MONTEIRO-PLANTIN, R. S. *Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna*. v. 1. Fortaleza: Edições UFC, 2012.
- MONTEIRO-PLANTIN, R. S. (Org.) *Certas palavras o vento não leva - homenagem ao professor Antonio Pamies Bertrán*. 1. ed. Fortaleza: Parole, 2015. v. 1. 431p.
- MONTEIRO-PLANTIN, R. S. Gastronismos Linguísticos: um olhar sobre fraseologia e cultura. In: ALVAREZ, O. Maria Luisa; UNTERBAUMEN, E. H. (Orgs.). *Uma (Re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Brasília: Pontes Editores, 2011, p. 249-275.
- MONTEIRO-PLANTIN, R. S. Fraseologia uma mão na roda na construção do sentido. *Synergies Tunisie*, n. 3. 2011, p. 161-168. Disponível em: <<https://gerflint.fr/Base/Tunisie3/monteiro-plantin.pdf>>. Acesso em: 01 de janeiro de 2017.
- NOIMANN, A. *Um olhar sobre os fraseologismos (locuções) em um dicionário bilingue escolar espanhol-português/português-espanhol*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.
- NUNES, J. H. Dicionários: História, Leitura e Produção. *Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília*, volume 3, dez/2010, p. 6-21.

PINHEIRO, M.B. *Por um dicionário eletrônico de pragmatemas do português brasileiro: levantamento, descrição e categorização*. 2015. 156 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

PONCE, M. H. O. de; BURIM, S. R. B. A; FLORISSI, S. *Tudo bem?* São Paulo: SBS editora, 2008.

PONTES, A. L. *Dicionário para uso escolar: o que é, como se lê*. Fortaleza: EdUECE, 2009.

PONTES, A. L. Fraseologia em dicionários escolares brasileiros. In: *Revista de Letras*, v.30, 2010/2011. Disponível em: <[http://www.revistadeletras.ufc.br/Revista%20de%20Letras%20Vol.30%20-%201.4%20-%20jan.%202012%20.%20dez.%202011/r130art14\\_fraseologia\\_em\\_dicionarios\\_escolares.pdf](http://www.revistadeletras.ufc.br/Revista%20de%20Letras%20Vol.30%20-%201.4%20-%20jan.%202012%20.%20dez.%202011/r130art14_fraseologia_em_dicionarios_escolares.pdf)>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2017.

PORTUGUESA, ILL. Língua portuguesa enfrenta hoje “desafios e dificuldades”. Disponível em: < <https://ilp.wordpress.com/2016/11/16/lingua-portuguesa-enfrenta-hoje-desafios-e-dificuldades/> >. Acesso em 01 de junho de 2017.

PORTO DAPENA, J. A. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco Libros, 2002.

RANGEL, E. O; BAGNO, M. *Dicionários em sala de aula*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

RIVA, H. C. *Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

ROCHA, C.M. C. *A elaboração de um repertório semibilingue de somatismos fraseológicos do português brasileiro para aprendizes brasileiros*. 2014. 221 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Biociência, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, São João do Rio Preto, 2014.

ROMÃO, T. L. C. Metáforas e fraseologismos zoomórficos: uma proposta de estudo contrastivo em alemão e português do Brasil. . *Projekt* (Curitiba), v. 52, p. 26-29, 2014.

RONCOLATTO, E. Critérios para a organização de dicionários fraseológicos. *Cad. Est. Ling., Campinas*, 46(1):43-52, Jan./Jun. 2004.

RONCOLATTO, E. *Estudo contrastivo das expressões idiomáticas do português e do espanhol*. 1997. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras). Universidade Estadual Paulista, Assis, 1997.

SANTIAGO, M. S. Análises contrastivas de microestruturas em dicionários escolares. *Pesquisas em Discurso Pedagógico*, Rio de Janeiro, PUCRio, n. 1, s/p [p.1-14], jan.-

jun. 2012. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20000/20000.PDF>. Acesso em: 7 de outubro de 2017.

SANTOS, S. M. *O tratamento de expressões idiomáticas em dicionários bilíngues de orientação escolar*. Dissertação

SEIDE, M. .S. *Lexicografia pedagógica no Brasil: avanços e desafios*. (s/d). Disponível em: < [http://150.164.100.248/gtlex/viiiengtlex/pdf/resumos\\_expandidos/Marcia%20Sipavicius%20Seide.pdf](http://150.164.100.248/gtlex/viiiengtlex/pdf/resumos_expandidos/Marcia%20Sipavicius%20Seide.pdf)> . Acesso em: 03 de julho de 2017.

SELISTRE, I. C. T.; MIRANDA, F. V. B. Os diferentes tipos de dicionários e as tarefas de compreensão e produção de textos em língua inglesa. *Travessias* (UNIOESTE. Online), v. 4, p. 757-767, 2010. Disponível em: < <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3649/2900>>. Acesso em: 23 de agosto de 2017.

STREHLER, R. G. Marcas de uso nos dicionários. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pires de (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 1998. p. 171-180.

TAGNIN, S. O. A tradução dos idiomatismos culturais. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, n. 11, 1988, p. 43-52.

TAGNIN, S. O. *Expressões Idiomáticas e Convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.

TAGNIN, S. E. O. *O jeito que a gente diz*. Barueri: Disal, 2013.

VÁZQUEZ, I. *O papel do dicionário no ensino e aprendizagem das línguas*. Barcelona, 2010.

VILELA, M. As expressões idiomáticas na língua e no discurso. In: *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do CLUP*, Porto: CLUP, v. 2, 2002, p. 159-189.

XATARA, C. M.; RIOS, T. H.C. A elaboração de um dicionário de idiomatismos: da teoria à prática. *Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 34, p. 165-170, 2005.

XATARA, C. M. O campo minado das expressões idiomáticas. *Alfa* (ILCSE/UNESP), São Paulo, v. 41, p. 147-158, 1997.

XATARA, C. M. O resgate das expressões idiomáticas. *Alfa-Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 38, p. 195-210, 1995.

XATARA, C. M. *A Tradução para o português de expressões idiomáticas em francês*. 1998. 253 p. Tese de doutorado (Doutorado em Letras –Área de Lexicologia/Lexicografia) Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998.

XATARA, C. M. O ensino do léxico: as expressões idiomáticas. *Trabalhos Em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 37, p. 49-59, 2001.

XATARA, C. M. *Dicionário de expressões idiomáticas*. Idioma, Rio de Janeiro, v. 21, p. 19-22, 2001.

XATARA, C.; BEVILACQUA, C.; HUMBLÉ, P. (org.). *Lexicografia pedagógica: pesquisas e perspectivas*. Santa Catarina, UFSC, 2008.

XATARA, C. M.; PARREIRA, M. C. A elaboração de um dicionário fraseológico. In: ORTIZ, Alvarez Maria Luisa; UNTERNBAUMEN, Enrique Huelva. (Org.). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. 1ed.Campinas: Pontes, 2011, p. 69-76.

XATARA, C. M.; SUCCI, T. M. . Revisitando o conceito de provérbio. *Veredas*, v. 1, p. 33-48, 2008. Disponível em:  
<<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo31.pdf>>. Acesso em 01 de setembro de 2017.

WELKER, H. A. *Panorama Geral da Lexicografia Pedagogia*. Brasília: Thesaurus, 2008.

WELKER, H. A. *Dicionários uma pequena introdução à Lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

WELKER, H. A. Colocações e expressões idiomáticas em dicionários gerais. In: Ortiz Alvarez, Maria Luisa; Huelva Unternbäumen, Enrique. (Org.). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas: Pontes, 2011, p. 139-159.

ZAVAGLIA, C. *Sistematização crítica de produção científica em Lexicografia e Lexicologia*. 2009.

ZAVAGLIA, C. (Org.). *Domínios de Linguagem: Fraseologia e Paremiologia*. Uberlândia: EDUFU, 2014.

**APÊNDICE A - PESQUISAS QUE TRATAM DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS EM OBRAS LEXICOGRÁFICAS, PRODUZIDAS NO BRASIL DE 2000 A 2016.**

<b>Ano</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Título</b>
2000	LEIVA, Myriam Jeannette Serey.	USP	Lexicologia e Lexicografia: a questão das expressões idiomáticas em espanhol: variante chilena.
2000	ALVAREZ, Maria Luíza Ortíz.	UNICAMP	Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: Estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira.
2003	CONTI, Marcelo Félix.	USP	Para um dicionário das expressões idiomáticas e/ou metafóricas do português (contemporâneo) do Brasil.
2004	RIVA, Huélinton Cassiano.	UNESP	Protótipo de dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas. Fonte: <a href="http://livros01.livrosgratis.com.br/cp086411.pdf">http://livros01.livrosgratis.com.br/cp086411.pdf</a> Acesso em 04 de novembro de 2017.
2006	CARAMORI Alessandra Paola.	USP	Expressões idiomáticas em rodari: subsídios para a elaboração de um dicionário bilíngue (italiano – português). Fonte: <a href="http://livros01.livrosgratis.com.br/cp008540.pdf">http://livros01.livrosgratis.com.br/cp008540.pdf</a> Acesso em 04 de novembro de 2017.
2007	ANDRADE, Márcia Socorro Ferreira de.	UECE	Por um glossário didático de fraseologismos do espanhol baseado na teoria da metáfora conceitual. Fonte: <a href="http://www.uece.br/posla/dmdocuments/">http://www.uece.br/posla/dmdocuments/</a>



			marciasocorroferreiradeandrade.pdf Acesso em 04 de novembro de 2017.
2007	NOIMANN, Aline.	UFRGS	Um olhar sobre os fraseologismos (locuções) em um dicionário bilíngue escolar espanhol-português / português-espanhol. Fonte: <a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/12512/000627144.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/12512/000627144.pdf?sequence=1</a> Acesso em 04 de novembro de 2017.
2007	SACKL, Ana Maria Barrera Conrad.	UFSC	Estudio de unidades fraseológicas y sus sentidos metafóricos en dos diccionarios bilingues español-portugués, português-espanhol. Fonte: <a href="https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/89914/246084.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/89914/246084.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a> Acesso em 04 de novembro de 2017.
2008	MATIAS, Luciana Corrêa.	UFSC	Expressões idiomáticas corporais no diccionario bilingue de uso español-portugués / português-espanhol (dibu). Fonte: <a href="https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91019/251936.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91019/251936.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a> Acesso em 04 de novembro de 2017.
2008	HEBERLE, Melissa.	UFRGS	Expressões idiomáticas de natureza verbal no DHE (Dicionário Eletrônico Houaiss). Fonte: <a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/77876/000685441.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/77876/000685441.pdf?sequence=1</a> Acesso em 04 de novembro de 2017.
2008	REIS, Simone Rosa Nunes.	UFSC	Uma comparação do tratamento de expressões idiomáticas em quatro dicionários bilíngues francês / português e português / francês. Fonte: <a href="https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91019/251936.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91019/251936.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a>

			<a href="https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/123456789/91661/255641.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">e/123456789/91661/255641.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a> Acesso em 04 de novembro de 2017.
2009	OLIVEIRA, Sirlene Terezinha de.	UnB	Comparação de Fraseologismos Franceses em Dicionários Bilingües Brasileiros.
2009	PASTORE, Paula Christina Falcão.	UNESP	A simbologia dos animais em expressões idiomáticas inglês-português: uma proposta lexicográfica.
2009	OLIVEIRA, Helen Ilza Borges de.	UnB	Aspectos sócio-culturais e semânticos na tradução dos fraseologismos em dicionários bilíngues.
2010	RIOS, Tatiana Helena Carvalho.	UNESP	A descrição de idiomatismos nominais: proposta fraseográfica português-espanhol.
2010	RODRIGUES, Gislaine.	UNESP	Estudo sobre as expressões idiomáticas e o uso de dicionários especiais da língua portuguesa no ensino. Fonte: <a href="https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86555/rodrigues_g_me_sjrp.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86555/rodrigues_g_me_sjrp.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a> Acesso em 04 de novembro de 2017.
2010	MATTOS, Monissa	UFRGS	Uma proposta de macro e microestrutura para um dicionário especial de locuções verbais – português/espanhol. Fonte: <a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/28770/000771522.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/28770/000771522.pdf?sequence=1</a> Acesso em 04 de novembro de 2017.
2013	MIRANDA, Ana Karla Pereira de.	UFMS	Com a pulga atrás da orelha: dicionário espanhol-português de expressões idiomáticas zoônimas.

			<p>Fonte:<a href="http://repositorio.cbc.ufms.br:8080/jspui/bitstream/123456789/2204/1/Ana%20Karla%20Pereira%20de%20Miranda.pdf">http://repositorio.cbc.ufms.br:8080/jspui/bitstream/123456789/2204/1/Ana%20Karla%20Pereira%20de%20Miranda.pdf</a></p> <p>Acesso em 04 de novembro de 2017.</p>
2013	FONSECA, Heloisa da Cunha.	UNESP	<p>Fraseologismos zoônimos: elaboração de base de dados português-francês.</p> <p>Fonte:<a href="https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86540/fonseca_hc_me_sjrp.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86540/fonseca_hc_me_sjrp.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a></p> <p>Acesso em 04 de novembro de 2017.</p>
2014	ROCHA, Camila Maria Correa.	UNESP	<p>A elaboração de um repertório semibilingue de somatismos fraseológicos do português brasileiro para aprendizes argentinos.</p> <p>Fonte:<a href="https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/122118/000813438.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/122118/000813438.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a></p> <p>Acesso em 04 de novembro de 2017.</p>
2014	RIVA, Huélinton Cassiano.	UNESP	<p>Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil.</p> <p>Fonte:<a href="https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/100104/riva_hc_dr_sjrp.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/100104/riva_hc_dr_sjrp.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a></p>
2015	SANTOS, Simone Marques dos.	UFMS	<p>O tratamento de expressões idiomáticas em dicionários bilíngues de orientação escolar.</p> <p>Fonte:<a href="https://sistemas.ufms.br/sigpos/portal/trabalhos/download/2133/cursoId:82">https://sistemas.ufms.br/sigpos/portal/trabalhos/download/2133/cursoId:82</a></p> <p>Acesso em 04 de novembro de 2017.</p>
2015	PINHEIRO, Marilene Barbosa	UFC	<p>Por um dicionário eletrônico de pragmatemas do português brasileiro: levantamento, descrição e categorização.</p> <p>Fonte:<a href="http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/ri">http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/ri</a></p>

			<a href="http://ufc/16221/1/2015_tese_mbpinheiro.pdf">ufc/16221/1/2015_tese_mbpinheiro.pdf</a> Acesso em 04 de novembro de 2017.
2015	TERMIGNONI, Susana.	UFRGS	Bases teórico-metodológicas para um hiperdicionário semibílingue de expressões idiomáticas italiano-português em meio a um AVA. Fonte: <a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/130768/000978040.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/130768/000978040.pdf?sequence=1</a> Acesso em 04 de novembro de 2017.
2015	SANTOS, Ivanete Freire dos.	UFBA	Ainda por que ensinar expressões idiomáticas: contribuições da fraseodidática para o ensino de espanhol como língua estrangeira.
2015	BUDNY, Rosana.	UFSC	Unidades fraseológicas com zoônimos em dicionários monolíngues e bilíngues (português-inglês) e em livros didáticos do pnld. Fonte: <a href="https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/135501/334978.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/135501/334978.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a> Acesso em 04 de novembro de 2017.
2016	ORTIGOZA, Arelis Felipe.	UFSC	Unidades fraseológicas da variante cubana do castelhano: registros e análises. Fonte: <a href="https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/169200/342647.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/169200/342647.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a> Acesso em 04 de novembro de 2017.
2016	CARVALHO, Gislene Lima.	UECE	Expressões idiomáticas em dicionários escolares de língua portuguesa. Fonte: <a href="http://www.uece.br/posla/dmdocuments/TESE%20GISLENE%20LIMA%20CARVALHO.pdf">http://www.uece.br/posla/dmdocuments/TESE%20GISLENE%20LIMA%20CARVALHO.pdf</a> Acesso em 04 de novembro de 2017.

2016	SILVA, Fabia Mendes da.	USP	Análise de dicionários monolíngues italianos: um estudo metalexicográfico de unidades lexicais relativas ao campo semântico “animais de estimação”.
------	----------------------------	-----	---

Fonte: Elaborada pela autora, a partir dos dados do Banco de Teses e Dissertações (Capes) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

## APÊNDICE B - ANÁLISE LEXICOGRÁFICA NOS DICIONÁRIOS HOUAISS E AURÉLIO.

### Convenções para a análise da microestrutura de um dicionário

<b>1</b>	Dicionário Aurélio
<b>2</b>	Dicionários Houaiss
√	Presença do elemento em questão
Ø	Ausência do elemento em questão.

	Expressão idiomática (EI)	Dicionário	Entrada	Transcrição fonética	Exemplos de uso
<b>1</b>	<b>A vaca foi para o brejo</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
<b>2</b>	<b>Abraço de tamanduá</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
<b>3</b>	<b>Acertar na mosca/Na mosca</b>	1	Mosca	Ø	Ø
		2	Mosca	Ø	√
<b>4</b>	<b>Afogar o ganso</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
<b>5</b>	<b>Amarrar cachorro com língua</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
<b>6</b>	<b>Amigo da onça</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	Amigo da onça	Ø	√
<b>7</b>	<b>Balaio de gato</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
<b>8</b>	<b>Besta-quadrada</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø

9	Boca de siri	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	Boca de siri	Ø	Ø
10	Bicho-de sete-cabeças	1	Bicho de sete cabeças	Ø	Ø
		2	Bicho de sete cabeças	Ø	√
11	Boi de piranha	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
12	Cabra da peste	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	Cabra da peste	Ø	Ø
13	Cada macaco no seu galho	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
14	Cair como um patinho	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
15	Cair do cavalo	1	Cavalo	Ø	Ø
		2	Cavalo	Ø	Ø
16	Cantar de galo	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
17	Cavalo de batalha	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	Cavalo de batalha	Ø	√
18	Colocar a carroça/ carro na frente do boi	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
19	Comprar gato por lebre	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
20	Contar com o ovo	1	EI não	Ø	Ø

	<b>dentro da galinha</b>		dicionarizada		
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
<b>21</b>	<b>Cozinhar o galo</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
<b>22</b>	<b>Dar com burros n'água</b>	1		Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
<b>23</b>	<b>Dar nome aos bois</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	Nome escanear	Ø	Ø
<b>24</b>	<b>Dar zebra</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	Zebra	Ø	√
<b>25</b>	<b>Dizer cobras e lagartos</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
<b>26</b>	<b>Engolir sapo</b>	1	Sapo	Ø	Ø
		2	Sapo	Ø	Ø
<b>27</b>	<b>Entregue às baratas</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI no dicionarizada	Ø	Ø
<b>28</b>	<b>(Entregue) às moscas</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	mosca	Ø	Ø
<b>29</b>	<b>Estar com a pulga atrás da orelha</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
<b>30</b>	<b>Fazer gato - sapato</b>	1	gato-sapato	Ø	Ø
		2	Gato-sapato	Ø	Ø
<b>31</b>	<b>Fazer uma vaquinha</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
<b>32</b>	<b>Ficar em papos de</b>	1	EI não	Ø	Ø



	<b>aranha</b>		dicionarizada		
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
<b>33</b>	<b>Galinha dos ovos de ouro</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
<b>34</b>	<b>Gato pingado</b>	1	Gato pingado	Ø	√
		2	gato-pingado	Ø	√
<b>35</b>	<b>História/conversa pra boi dormir</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	Conversa	Ø	Ø
<b>36</b>	<b>Lágrimas de crocodilo</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	Lágrima	Ø	Ø
<b>37</b>	<b>Lavar a égua</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
<b>38</b>	<b>Lobo em pele de cordeiro</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
<b>39</b>	<b>Macaco velho</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
<b>40</b>	<b>Mão de vaca</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	Mão de vaca	Ø	√
<b>41</b>	<b>Matar cachorro a grito</b>	1	Cachorro	Ø	Ø
		2	Cachorro	Ø	√
<b>42</b>	<b>Metido a besta</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	Besta	Ø	Ø
<b>43</b>	<b>Nem que a porca torça o rabo</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
<b>44</b>	<b>Nem que a vaca</b>	1	EI não	Ø	Ø

	tussa		dicionarizada		
		2		Ø	Ø
45	Ovelha negra	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	Ovelha	Ø	Ø
46	Pagar mico	1	Mico	Ø	Ø
		2	Mico	Ø	Ø
47	Pagar o pato	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	Pato	Ø	Ø
48	Pegar touro à unha	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
49	Pensar na morte da bezerra	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
50	Pentear macacos	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
51	Picar a mula	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
52	Pinto molhado	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
53	Procurar chifre em cabeça de cavalo	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
54	Puxar a brasa pra sua sardinha	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
55	Galinha criar dente	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não	Ø	Ø

			dicionarizada		
56	Rato de praia	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
57	Soltar a franga	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
58	Soltar cachorros	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	Cachorro	Ø	√
59	Tempo das vacas gordas	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
60	Tempo das vacas magras	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
61	Ter boi na linha	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
62	Ter minhocas na cabeça	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
63	Ter sangue de barata	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	Sangue	Ø	Ø
64	Ter titica de galinha na cabeça	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
65	Tirar o cavalinho da chuva	1	Cavalo	Ø	Ø
		2	Cavalo	Ø	√
66	Vender seu peixe	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø

67	<b>Vender gato por lebre</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
68	<b>Ver passarinho verde</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø
69	<b>Viver como cão e gato</b>	1	EI não dicionarizada	Ø	Ø
		2	EI não dicionarizada	Ø	Ø

Fonte: Autora.